



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE**  
**CONTEMPORÂNEA**

**ELAINE CRISTINA CARTAXO VILLAS BÔAS**



[www.confhic.org.br](http://www.confhic.org.br)

**O OLHAR DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS**  
**SOBRE A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM E A**  
**FAMÍLIA RELIGIOSA EM SALVADOR/BA**

**Salvador**  
**2017**

**ELAINE CRISTINA CARTAXO VILLAS BÔAS**

**O OLHAR DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS  
SOBRE A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM E A  
FAMÍLIA RELIGIOSA EM SALVADOR/BA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Elaine Pedreira  
Rabinovich

**Salvador  
2017**

Ficha catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

V726 Villas Bôas, Elaine Cristina Cartaxo  
O olhar das irmãs franciscanas hospitaleiras sobre a relação com  
a família de origem e a família religiosa em Salvador/Ba/Elaine Cristina  
Cartaxo Villas Bôas. – Salvador, 2017.  
62 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família  
na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

1. Freira 2. Relação familiar 3. Religiosas I. Universidade  
Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-  
Graduação II. Rabinovich, Elaine Pedreira – Orientadora III. Título.

CDU 316.356.2:371.3

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Elaine Cristina Cartaxo Villas Boas**

**“O olhar das irmãs franciscanas hospitaleiras sobre a  
relação com a família de origem e a família religiosa em  
Salvador/Ba.”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 01 de dezembro de 2017.

Banca Examinadora:



**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Elaine Pedreira Rabinovich**  
Orientador(a) - (UCSAL)



**Prof. Dr Marcos Antonio de Almeida** - (UFBA)



**Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier** - (UCSAL)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Elaine Pedreira Rabinovich pela disponibilidade, engajamento e suavidade durante a construção desta dissertação.

À Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição pela autorização e interesse para realização desta pesquisa.

À Irmã Girassol, carinhosamente designada minha assessora, pelo direcionamento na escolha dos documentos da Congregação pertinentes ao estudo, assim como pela riqueza de detalhes fornecidas ao longo dos anos sobre o ambiente conventual.

À Irmã Íris Azul que participou dos ajustes do projeto inicial direcionando os conteúdos mais pertinentes, principalmente, referente ao período de formação e as regras estabelecidas no Código de Direito Canônico.

Às Irmãs que se dispuseram a participar da pesquisa descortinando suas vidas.

Aos familiares que visitaram as irmãs no convento e permitiram o registro fotográfico revelando em suas imagens semblantes de carinho, felicidade, ternura, cuidado, bem-estar. Aos familiares que mesmo distantes mantém contato com as Irmãs e proporcionam renovação de vida quando elas saem de férias.

Aos professores do programa em Família na Sociedade Contemporânea por partilharem o conhecimento. Às contribuições fornecidas pela banca para enriquecimento da pesquisa.

À Mariza Monteiro, pelo ombro amigo na hora das sobrecargas emocionais, pelos ensinamentos e orientações para crescimento pessoal.

À Síntia Freitas pela força e estímulo para seguir em frente.

Aos meus pais pelo carinho e cuidado. Ao meu filhote, Pietro Cartaxo Villas Bôas, minha fonte de alegria. Ao meu marido Richardsosn Villas Bôas pela compreensão nos momentos de ausência.



*Família: corrente ou corda?*

(Por Viviane dos Santos Souza)\*

*“Família: corrente ou corda?*

*Ora corrente que une  
Com seus elos fortes.  
Elos que se ligam, elos continentes.  
Elos que se fundem,  
Elos que se sustentam  
Sustentando a corrente.*

*Ora corrente que se rompe  
Com seus elos frágeis.  
Elos que se quebram,  
Elos incongruentes,  
Elos que trincam,  
Elos que se desfazem  
Desfazendo a corrente.*

*Ora corda, que fortalece e amarra.  
Com seus grossos fios.  
Fios que se complementam,  
Fios que formam o todo, a corda.  
Fios que se unem,  
Fios que se anulam no todo da corda.*

*Ora corda que desfalece e desamarra  
Com seus fios superficiais.  
Fios que se separam.  
Fios que formam  
Um todo só, sem a corda.  
Fios que se desenlaçam,  
Fios que se mostram como um todo fora da  
corda.*

*Corrente ou corda?  
Elos ou fios?  
Simplesmente família e suas partes.  
Seja como for...”*

VILLAS BÔAS, Elaine Cristina Cartaxo. **O olhar das Irmãs Franciscanas hospitaleiras sobre a relação com a família de origem e a família religiosa em Salvador/Ba.** 62f. Salvador, 2017. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

## RESUMO

Esta dissertação aborda a percepção das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras sobre a relação com a família de origem e a família religiosa. Buscou-se analisar como se processou a relação das freiras com sua família de origem a partir da decisão em tornarem-se religiosas; identificar as mudanças ocorridas na relação com a família de origem após tornarem-se freiras; investigar a existência de conflitos internos durante imersão na vida religiosa além de compreender como a família religiosa tem influenciado a relação com a família de origem. Para entendimento desta relação foi necessário conhecer como se processou, ao longo do tempo, o vínculo de pertencimento e seu contexto religioso e sociocultural, pois, desde cedo, elas tendem a abdicar da convivência familiar quando decidem entrar para a vida religiosa. A estratégia metodológica utilizada foi pesquisa qualitativa, descritiva, realizada com freiras residentes no Convento Sagrada Família, na cidade do Salvador/BA. Foram incluídas freiras que residem no convento Sagrada Família, as que mantêm contato com a família de origem e as inseridas na família religiosa há mais de dez anos, assim como as que necessitaram requerer licença da Fraternidade. Excluíram-se as religiosas que apresentaram déficit cognitivo ao mini-exame do estado mental e as que não desejaram participar da pesquisa. Foi realizada entrevista em profundidade mediante aplicação de um questionário semiestruturado. Por conseguinte, realizou-se análise do conteúdo, das entrevistas, das nove informantes-chave. O fator motivador para a entrada na vida religiosa foi expresso pelo chamado enquanto vocação. Este chamado ocorreu na adolescência para a maioria das informantes e a entrada para a vida conventual ocorreu a partir da década de 40. Elas mantiveram contato com seus familiares durante as diferentes fases da vida religiosa, porém sempre respeitando as ordens da Congregação. Atualmente irmãos e sobrinhos se fazem presentes já que as informantes estão na faixa etária de 50 a 90 anos de idade. Foi evidenciado que a relação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras com a família de origem sofreu mudanças a partir do momento em que decidiram entrar para vida religiosa por causar tristeza e decepção em seus pais e irmãos em virtude do rompimento temporário do vínculo familiar, assim como pela perda da filha nos afazeres domésticos e no auxílio para criação a dos irmãos, quando da ausência da mãe ou pelo grande número de irmãos. No entanto, foi observado que as famílias reelaboraram esta perda quando a filha assumia o hábito sendo gerado um status social para os familiares.

**Palavras-chave:** Freira; Relação familiar; Religiosas.

VILLAS BÔAS, Elaine Cristina Cartaxo. **The look of the hospitable Franciscan Sisters on the relationship with the family of origin and the religious family in Salvador / Ba.** 62 f. Salvador, 2017. Master's Dissertation - Graduate Program in Family at the Contemporary Society of the Catholic University of Salvador.

### **ABSTRACT**

This dissertation addresses the perception of the hospitable Franciscan sisters about the relationship with the family of origin and the religious Family. It was sought to analyze how the relationship of the nuns was processed with their family of origin from the decision to become religious; Identify the changes that occurred in the relationship with the family of origin after becoming nuns; Investigate the existence of internal conflicts during immersion in religious life beyond understanding how the religious family has influenced the relationship with the family of origin. In order to understand this relationship, it was necessary to know how, over time, the bond of belonging and its religious and socio-cultural context had been processed, because, from an early age, they tended to abdicate their family life when they decided to enter into religious lives. The methodological strategy used was qualitative, descriptive research, performed with nuns living in the Sagrada Familia convent, in the city of Salvador/BA. Nuns were included who reside in the Sagrada Familia convent, those who have been in contact with the family of origin and those placed in the religious family for more than ten years, as well as those who needed to require a license from the fraternity. The religious who presented cognitive deficit to the mini-exame of the mental state and those who did not want to participate in the research were excluded. In-depth interview was performed through the application of a substructured questionnaire. Therefore, analysis of the content, of the interviews, of the nine key informants was carried out. The motivating factor for the entry into religious life was expressed by calling as a vocation. This call occurred in adolescence for most informants and the entrance to the conventual life occurred from the 40. They kept in touch with their families during the different stages of religious life, but always respecting the orders of the congregation. Presently brothers and nephews are present as informants are in the age range of 50 to 90 years of age. It was evidenced that the relationship of the hospitable Franciscan Sisters with the family of origin suffered changes from the moment they decided to enter into religious life by causing sadness and disappointment in their parents and siblings because of the temporary disruption of the family bond, As well as the loss of the child in domestic chores and the aid for the creation of the brothers, when the mother's absence or the large number of siblings. However, it was observed that the families reworked this loss when the daughter assumed the habit being generated a social status for the family members.

**Key words:** Nun; Family relationship; Religious.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O bairro do Bonfim em postal de 1913. Antigo Hospital Português no canto superior à esquerda. Sede do Convento a partir de 1938. ....	13
Figura 2 - Imagem do Convento na atualidade .....	14
Figura 3 - Fundadores da Congregação .....	14
Figura 4 - Família da Irmã Girassol. ....	47

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características sociodemográficas das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras residentes na CONFHIC. Salvador-Bahia, 2017.....	26
Tabela 2 – Características de formação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras residentes na CONFHIC. Salvador-Bahia, 2017. ....	26
Tabela 3 – Características das famílias de origem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras residentes na CONFHIC. Salvador-Bahia, 2017.....	27
Tabela 4 – Formas de contato das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras com a família de origem em diferentes períodos da vida religiosa. Salvador-Ba, 2017.....	28

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>ELEMENTOS PRELIMINARES ACERCA DA VIDA COMUNITÁRIA CONVENTUAL E VIDA FAMILIAR</b> .....	<b>13</b>
2.1	O CONVENTO E A CONGREGAÇÃO .....	13
2.2	MODELO CONVENTUAL.....	16
2.3	A VIDA RELIGIOSA.....	18
2.4	UNIVERSO FAMILIAR .....	19
<b>3</b>	<b>ESTRATÉGIA METODOLÓGICA</b> .....	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>25</b>
4.1	AS ENTREVISTADAS .....	25
4.2	FAMÍLIA DE ORIGEM DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS ...	29
<b>4.2.1</b>	<b>“Pai, mãe, quero ser freira!”</b> .....	<b>29</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Relação Familiar</b> .....	<b>32</b>
4.3	A FAMÍLIA RELIGIOSA COMO UMA OPÇÃO DE VIDA.....	36
<b>4.3.1</b>	<b>Motivos de escolha para entrada na vida religiosa</b> .....	<b>36</b>
<b>4.3.2</b>	<b>O dote</b> .....	<b>40</b>
<b>4.3.3</b>	<b>Família Religiosa enquanto família</b> .....	<b>41</b>
<b>4.3.4</b>	<b>Desejo de ser freira: uma proposta de análise</b> .....	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>49</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>52</b>
	APÊNDICE A: IMAGENS DO CONVENTO (ACERVO DA INSTITUIÇÃO) ....	52
	APÊNDICE B: DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA .....	55
	APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...	56
	APÊNDICE D: MINI EXAME DO ESTADO MENTAL (LOURENÇO; VERAS, 2006) .....	58
	APÊNDICE E: QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO.....	60
	APÊNDICE F: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM .....	62

## 1 INTRODUÇÃO

As religiosas são agentes sociais que transitam dentro de um sistema cultural religioso (PIRES, 2015). Elas se agrupam em organizações próprias, as Congregações (NUNES, 1986) e agregam funções com objetivos sociais, políticos e religiosos (ROSSI, 2006). As freiras desenvolvem relações sociais como qualquer pessoa que vive em sociedade, elas têm um modo de vida disciplinado e exercem trabalho educativo nos colégios, cuidam de crianças em orfanatos e idosos em asilos (NUNES, 1986). Elas atuam também nas pastorais paroquiais, nas CEB's (Comunidades Eclesiais de Base), em escolas e em hospitais (CUBAS, 2010). As Irmãs Hospitaleiras “Revelam gestos de fraternidade e compromisso [...] no cuidado dos enfermos; na dedicação integral dos alunos voltada ao exercício da cidadania ou na atenção aos idosos e às pessoas em situação de vulnerabilidade social” (CONFHIC, 2011, p. 3). Esta é uma forma de vida religiosa ativa.

Para fazer parte da vida religiosa é necessário que a jovem vocacionada inicie sua caminhada vocacional que compreende o Aspirantado, Postulantado, Noviciado e Juniorato, quando, então, assume os votos perpétuos. O Aspirantado corresponde à etapa de acolhimento, discernimento vocacional; O Postulantado é a etapa de preparação, quando acontece a inserção progressiva na Vida Religiosa e tem a duração de um a dois anos; o Noviciado é a etapa de iniciação à Vida Franciscana por dois anos podendo haver prorrogação por mais seis meses. Nesta etapa, a jovem confirma a sua vocação e necessita ter 18 anos completos; e, por último, mas não menos importante, o Juniorato é a fase de crescimento e consolidação da identidade da jovem como Irmã Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição. Com a finalização desta última fase, a jovem emite os seus votos perpétuos na Instituição, assumindo a valorização do sentido de pertencimento afetivo e efetivo na Congregação (CONFHIC, 2010).

É importante ressaltar que, durante o período de preparação, a aspirante mantém o contato com a família fortalecendo o vínculo afetivo. Este contato acontece de forma variável dependendo da fase em que a jovem se encontra. Durante o Aspirantado, a vocacionada experimenta a vida em grupo sem que haja distanciamento da realidade, tanto familiar quanto cultural. Neste período, a aspirante já frequenta os espaços físicos da Congregação e a relação familiar acontece através

de visitas periódicas à família assim como o contato da Mestra de aspirantes com a família da jovem (FREITAS,1997).

Ao evoluir para o Postulantado, a jovem se desliga paulatinamente da etapa anterior para se integrar numa vida orientada para os valores próprios da Instituição religiosa. Já no período do Noviciado, a noviça é introduzida na vida congregacional. É o momento de amadurecimento da opção vocacional. As fases posteriores correspondem aos anos de preparação para os votos perpétuos e há o contato com a família nuclear acontece por meio de telefonemas, cartas e férias anuais (FREITAS,1997).

As relações familiares precisam ser dialogadas e negociadas para serem construtivas e ricas. Para tanto, cada membro precisa ter sua autonomia e individualidade respeitadas, ou seja, cada um deve ser visto em sua totalidade, no seu aspecto espiritual, pois, na família as experiências individuais são valorizadas e cada uma tem uma trajetória singular (PERETTI; NOGOSEKE, 2009). É neste sentido que acontecem as relações familiares das freiras pertencentes à Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras (CONFHIC). Neste processo, a valorização da intersubjetividade ocorre como elemento sendo principal e base da estrutura familiar.

Para entender a relação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras com a família de origem e a família religiosa é preciso compreender como se processou, ao longo do tempo, o vínculo de pertencimento e seu contexto religioso e sociocultural, pois, desde cedo, elas tendem a abdicar da convivência familiar quando decidem entrar para Vida Religiosa. A relação familiar das freiras ainda é um tema pouco estudado, cercado de tabus e conflitos, independente da classe social, havendo escassez de estudos sobre este tipo de relação. Deste modo, o presente estudo pretende servir de base para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática ao fornecer contribuições para o estudo das relações familiares.

Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer a relação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras com a família de origem e com a família religiosa. E, como objetivos específicos a) analisar como se processou a relação das freiras com sua família de origem a partir da decisão de se tornarem religiosas; b) identificar as mudanças ocorridas na relação com a família de origem após tornarem-se freiras; c) investigar a existência de conflitos internos durante imersão na Vida Religiosa e d) compreender como a família religiosa tem influenciado a relação com a família de origem. Por conseguinte, a pesquisa compreende os seguintes capítulos: Elementos preliminares

acerca da vida comunitária conventual e da vida familiar; A família de origem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras; A Família religiosa como uma opção de vida.

A motivação para a realização desta pesquisa se assenta sob perspectivas. A primeira refere-se à inserção no campo de estudo aliado à convivência diária com as religiosas em decorrência da supervisão de estágio em Fisioterapia na Saúde do Idoso desde 2009, pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). A segunda corresponde à fascinação pelo conteúdo abordado no artigo de Mirian Pillar Grossi<sup>1</sup>.

---

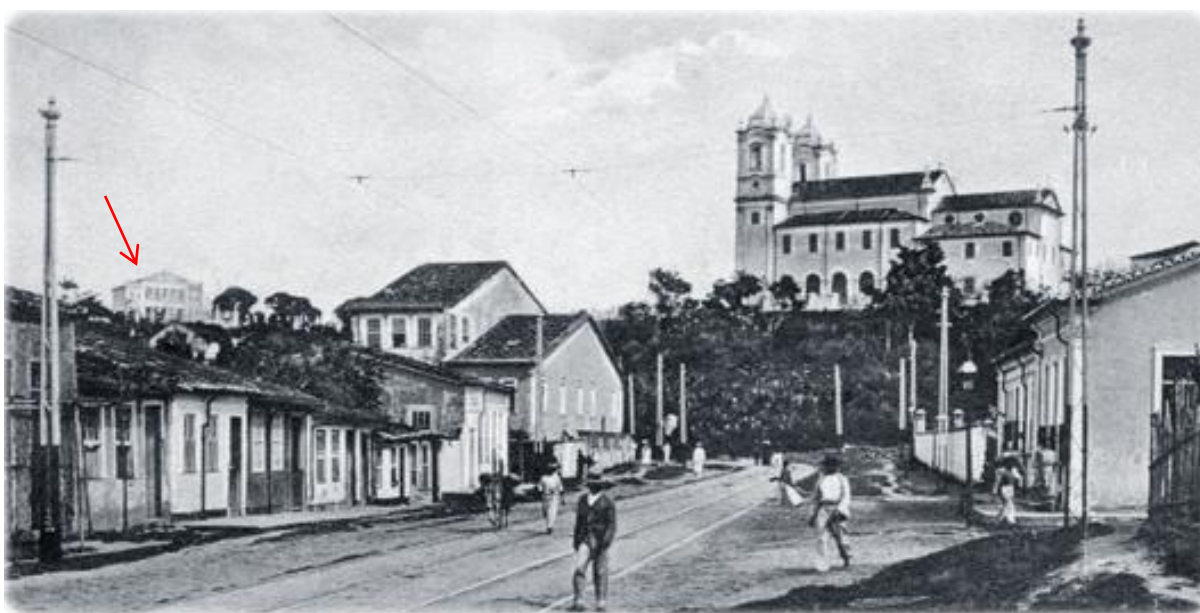
<sup>1</sup> Antropóloga, professora e pesquisadora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) autora do artigo: Jeito de Freira: Estudo Antropológico sobre a Vocação Religiosa Feminina. O referido artigo retrata a construção da vocação religiosa na perspectiva das famílias camponesas, da Igreja e das próprias freiras em um Convento no Sul do Brasil (GROSSI, 1990).

## 2 ELEMENTOS PRELIMINARES ACERCA DA VIDA COMUNITÁRIA CONVENTUAL E VIDA FAMILIAR

### 2.1 O CONVENTO E A CONGREGAÇÃO

O Convento é uma instituição religiosa vinculada à Província de Santa Cruz, pertencente à CONFHIC. A Congregação foi fundada pelo padre Raimundo dos Anjos Beirão e pela Irmã Maria Clara do Menino Jesus em 03 de Maio de 1871, em Lisboa-Portugal, e chega ao Brasil em 1911. O convento, em Salvador, foi adquirido em 1938 e passa a ser a sede social da Província porque nele ocorrem às celebrações e o acolhimento para assistência à saúde das Irmãs de várias fraternidades (CONFHIC, 2011).

**Figura 1 - O bairro do Bonfim em postal de 1913. Antigo Hospital Português no canto superior à esquerda. Sede do Convento a partir de 1938.**



Fonte: <http://www.salvador-antiga.com/bonfim/antigas.htm> acessado em 13/09/17

**Figura 2 - Imagem do Convento na atualidade**



Fonte: [www.confhic.org.br](http://www.confhic.org.br)

**Figura 3 - Fundadores da Congregação**



Fonte: Acervo da Instituição

A CONFHIC é responsável pela supervisão e gerenciamento das atividades realizadas nos colégios, nas creches (Campina Grande e Salvador), nos hospitais (Sagrada Família e Português, Salvador-Bahia) e na escola técnica de Enfermagem, compromissos estes vinculados à Instituição, além de trabalhos de evangelização em comunidades locais. Os colégios religiosos estão situados nas cidades de Mossoró (RN), Arapiraca (AL), Penedo (AL), Aracaju (SE), Estância (SE), Propriá (SE), Salvador (BA), Itabuna (BA). Já os trabalhos de atividades diversificadas são exercidos nas comunidades do Nuevo Laredo e San Agustín (México), Terra Santa (PA), Almofala (CE), João Dourado (BA), Organização Fraternal São José (BA), Fazenda São Francisco - Amparo (BA), Escola Mãe Clara (BA) e na sede da própria congregação.

O convento, antiga sede do Hospital Português, ocupa uma área de 512,5 m<sup>2</sup> (BRITTO, 2002) e está situado no Alto do Bonfim. Na área externa se encontram jardins bem cuidados, um pequeno pomar com pés de acerola, manga, sapoti, goiaba, jambo, abacate, banana, coco além de plantas próprias para chás, uma horta, uma garagem, um refeitório. No andar térreo está o Espaço Chamas Vivas no qual residem às irmãs com graus variados de limitação das funções físicas e mentais, sob a supervisão de uma enfermeira e técnicas de enfermagem. Estas irmãs também são assistidas pela Fisioterapia em parceria com a UCSAL.

Neste andar também estão os espaços de serviços: dispensa de materiais de limpeza, dispensa de materiais de higiene e farmácia, carpintaria, lavanderia, sala de costura, rouparia. A dispensa de alimentos e a cozinha estão no primeiro andar assim como os refeitórios das irmãs e dos colaboradores. No primeiro e segundo andar têm-se várias alas identificadas por nomes religiosos: Ala Madre Eucaristia, Ala Santa Clara, Ala São Francisco, Ala Nossa Senhora de Lourdes, Ala São Luís. Nestas alas estão os dormitórios das irmãs com exceção da Ala Monte Alverne que está localizada na parte mais alta do Convento, com acesso difícil, sendo local para oração. Há também recepção, salas de reunião, espaço de convívio Irmã Violeta, pequenas capelas, sacristias, velódromo, coro, área do mirante, banheiros de uso coletivo, elevador. Algumas imagens da Instituição estão apresentadas no apêndice.

## 2.2 MODELO CONVENTUAL

O modelo conventual era estruturado de forma independente para cada comunidade religiosa feminina nos séculos XVII e XVIII. Este período era caracterizado pela vida em clausura também denominada vida religiosa contemplativa. Neste período, o convento tinha como função social ofertar empréstimo à família da jovem freira (NUNES, 1986), além de representar espaço de distinção social pelo fato da família disponibilizar o dote para a entrada da filha neste tipo de instituição e possibilidade de estímulo cultural pela música e literatura (CUBAS, 2014).

É importante destacar que as religiosas são categorizadas com base na natureza de atuação. Além das religiosas tradicionais de vida ativa têm-se as religiosas inseridas, religiosas inseridas contemplativas, e religiosas tradicionais de vida contemplativa. As religiosas inseridas atuam nas periferias e meios populares com participação na pastoral; as inseridas contemplativas diferenciam-se da anterior por não terem ação pastoral e as tradicionais de vida contemplativa têm contato restrito com a sociedade civil, vivem em clausura (FERNANDES, 2000).

Já no século XIX, surge o modelo congregacional, na Europa, com foco em projetos de atuação social, exercidos pelas irmãs de caridade tanto para serviços na área de saúde como de educação. No entanto, este novo modelo só chegou ao Brasil no período de transição do Império para a República. Configurava-se o modelo congregacional de vida ativa (NUNES, 1986; GROSSI, 1995).

Este modelo de organização expandiu-se em função da entrada de grande quantidade de mulheres para a família religiosa sendo dirigidas por uma superiora geral e por uma Casa Geral (LEONARDI, 2010). Estas religiosas atuam em colégios, pastorais, usam hábito religioso e sem atuação necessária nos meios populares (FERNANDES, 2000). Estas são características das religiosas pertencentes à CONFHIC.

Para pertencer à CONFHIC, é preciso compreender o significado de ser irmã Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição (IFHIC), o verdadeiro carisma da Congregação. Refere-se à:

[...] pessoa escolhida e consagrada por Deus para seguir Jesus Cristo, em Fraternidade, e servir os irmãos, especialmente os mais necessitados, segundo o espírito das bem-aventuranças, num processo de conversão contínua. [...] compromete-se a viver a Hospitalidade, com alegria e simplicidade, em comunhão com a Igreja, numa missão profético-missionária, inserida no mundo e situada no tempo (CONFHIC, 2010 p.11).

Ser Hospitaleira significa ser caridosa, dar acolhimento a todos sem que haja distinção, tendo como exemplo os fundadores da Congregação. Representa a misericórdia e ternura do Pai. Ser Franciscana implica ser semelhante à Francisco de Assis<sup>2</sup> por renunciar seus bens<sup>3</sup>, servir aos irmãos com simplicidade e satisfação, em decorrência da filiação com Deus e da Fraternidade dos homens. E ser Irmã da Imaculada Conceição implica agir como a Virgem Imaculada sendo serva humilde e levando Jesus à todas as pessoas (CONFHIC, 2010).

Por ser uma congregação com superiora geral, esta tem por missão imprescindível o serviço à Fraternidade. No artigo 179 do Diretório Provincial sobre o serviço de governo nas Fraternidades destaca-se:

É de competência da Superiora local governar sua Fraternidade de acordo com normas da Congregação e da Província [...]; promover o espírito fraterno, a corresponsabilidade e generosa colaboração de todas as irmãs; confiar às Irmãs as diferentes obrigações, reservando para si a corresponsabilidade geral das atividades da Casa; [...]; representar a comunidade perante autoridades civis e eclesásticas além de manter sempre uma íntima comunhão e colaboração com o Governo provincial (CONFHIC, 2010. p.101).

A Fraternidade é o alicerce da vocação Franciscana que deve ser construído com afetuosa caridade e pelo espírito de família. É preciso respeitar as diferenças de raça, cultura, costumes, idade e mentalidade e a superiora deve ser inculcada pelo espírito franciscano hospitaleiro, estando comprometida a promover o espírito de família, herança que não pode expirar, e de comunhão além de estimular a obediência (CONFHIC, 2010). Colombero (2003) reforça que a vida conventual é mais do que humana, é uma “instituição do Espírito que penetra nos corações e gera uma família que se recolhe e vive no nome do Senhor” (p.13).

---

<sup>2</sup> Os fundadores do Franciscanismo, Francisco e Clara de Assis, defendiam a renúncia dos bens de qualquer natureza. A experiência da pobreza assim como a capacidade de renunciar a bens materiais resultou num importante bem simbólico na Vida Religiosa, além de representar forte indicador de vocações autênticas (FERNANDES, 2011).

<sup>3</sup> Na CONFHIC: “Antes da profissão, a Irmã noviça que possuir bens deve ceder, a quem preferir e por todo tempo que ficar vinculada com os votos, a administração desses bens e dispor livremente do seu uso e usufruto [...]. Antes da emissão dos votos perpétuos, a Irmã fará testamento, válido segundo a lei civil do seu país, dispondo, com plena liberdade, dos bens que possua ou venha possuir” (CONFHIC,2010, Art.166, ¶1¶2 p.108)

### 2.3 A VIDA RELIGIOSA

O convento é um estabelecimento social com finalidade de ofertar instrução para religiosos e há uma divisão por grupos para execução das atividades internas. É caracterizado como instituição total pela existência de barreira à relação social com o mundo externo que ocasiona ruptura inicial profunda com seu ambiente familiar (GOFFMAN, 2010).

A instituição total é um híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal [...] são as estufas para mudar pessoas; cada urna é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu. (Goffman, 2010, p.22)

De acordo com Goffman (2010), as instituições criam e mantêm “um tipo específico de tensão entre o mundo doméstico e o mundo institucional, e usam essa tensão persistente como uma força estratégica para controlar as pessoas inseridas neste tipo de fundação” (p.24). O autor ainda pontua a necessidade de ser fiel e obediente às regras, à abstinência, às penitências e às vezes humilhações.

Na CONFHIC (2010), as Irmãs devem acolher os sacrifícios que a vida comum exige, mesmo que suas necessidades sejam mal compreendidas ou se lhes falte algo. Elas precisam “aceitar com paciência e serenidade, os sofrimentos, as contradições e humilhações, conscientes de que todos os acontecimentos podem ser portadores da vontade de Deus” (CONFHIC, 2010, Constituições, Art. 56, ¶ 1, p.43). Ocorre também uma promoção social e de instrução ressaltando que a qualificação profissional é em função da obra e não do sujeito. Para tal, as Irmãs precisam ser motivadas e ter formação de acordo com as prioridades da Igreja e da Congregação (CONFHIC, 2010).

Vale ressaltar que, quando o ingresso na instituição ocorre de forma voluntária, o afastamento do mundo doméstico tende a definir e perde-se o vínculo. Há uma ruptura com o passado. Esta ruptura, por sua vez, traz à tona a mortificação do eu além de provocar mudanças nas crenças a respeito de si e dos outros (GOFFMAN, 2010). Estar nesse tipo de instituição requer uma adaptação ao novo estilo de vida. Significa aprender a cuidar de si para poder cuidar do outro. No entanto, a partir do advento do Concílio do Vaticano II<sup>4</sup>, as religiosas pertencentes à CONFHIC, passaram a não vivenciar esta ruptura completa com o mundo doméstico.

---

<sup>4</sup> Concílio Ecumênico da Igreja Católica, ocorrido entre 1962-1965. Neste período foram realizadas quatro conferências que “delimitaram e legitimaram uma nova forma de ser católico, definindo diferentes parâmetros de vida religiosa [...] Houve renovação da Igreja Católica enquanto instituição,

Grabois (2011), na sua análise sobre uma das teorias de Foucault, aborda o processo de desenvolvimento do cuidado de si mesmo para a importância do cuidado do outro, integrado também nas práticas religiosas, a partir do estabelecimento do Cristianismo. “A cultura de si é colocada à serviço de um poder pastoral, na medida em que o cuidado de si se transforma em cuidados dos outros” (GRABOIS, 2011, p. 115). Para Boff (1999):

O cuidado é mais que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. É um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas (BOFF, 1999, p. 92)

Assim, estes autores, embora partindo de óticas diversas, apontam o cuidar como uma estratégia que favorece as relações, pois, como as religiosas exercem trabalhos em pastorais, elas necessitam cuidar do outro para se fortalecer espiritualmente. Elas têm “enfermos a curar, crianças e jovens a educar, aflitos e pobres a consolar e socorrer, idosos, sós e desamparados a cuidar, comunidades humanas a evangelizar, misérias sociais a chamar por um coração samaritano” (CONFHIC, 2011, p. 6).

De modo correspondente, Leonardi (2010), ao estudar uma congregação religiosa francesa revela que “o encontro de diferentes culturas, expressas nos corpos, aproximam os diferentes, os diversos, e formam esse plural que não se cansa de forçar a barreira imposta pela ideia de uno e verdadeiro” (p.21). Destaca também que, para a manutenção da Congregação, é imprescindível a atualização da imagem da instituição e da imagem das religiosas que tiveram seus corpos e comportamentos moldados pela rotina do recordar, imitar, louvar e orar. Esta autora justifica que é através desta prática diária que se busca compreender como elas se relacionam consigo próprias e com as outras irmãs. Portanto, ao lado da ética do cuidado, estaria uma ética da modelagem do corpo.

## 2.4 UNIVERSO FAMILIAR

No que se refere à relação familiar entre as freiras e a família religiosa, Grossi (1990) aponta que havia dois trilhos sobre esta temática. De um lado, o desejo dos pais para ingressar a filha no convento como projeto familiar e de outro lado, o projeto

---

com objetivo de torná-la presente”; Para as jovens que se encontraram no “período de formação religiosa entre os anos de 1960 e 1990 e às que haviam assumido os votos perpétuos, experimentaram a reestruturação da vida religiosa feminina de maneira bastante particular” Neste Concílio, participaram algumas mulheres, leigas e religiosas (CUBAS,2014, p. 27-28).

individual da filha na busca por ascensão social, por independência, liberdade da família, fuga do trabalho da vida camponesa, desejo de escapar ao casamento, encontrando no convento um espaço de realização individual.

O ingresso da filha num convento, como projeto familiar, representava para a família uma garantia dupla. A primeira garantia consistia em impedir a fragmentação da riqueza familiar devido à exigência do dote para o casamento. Em contrapartida, o convento funcionava como instituição financeira para empréstimos e financiamento de investimentos (GROSSI, 1995) além de ser um local seguro para garantir a honra da jovem e um ambiente de proteção social que ofertava segurança aos pais (ARAÚJO, 2012; FERREIRA, 2011). Para os genitores, o confinamento de uma filha no convento representava uma motivação social (OLIVEIRA, 2014). Era uma forma para evitar o casamento da filha com um pretendente que estivesse em condição social inferior (SILVA, 2007), ou seja, era uma estratégia das famílias locais que necessitavam ofertar um futuro às filhas (OLIVEIRA, 2014).

É importante destacar que quando a jovem sentia o chamado para Vida Religiosa, uma rede de conflitos emergia no ambiente familiar (GROSSI, 1990) e revelava as disputas e crises nas relações familiares (PETRINI; DIAS, 2015). Os pais reagiam de forma hostil a este desejo, que se manifestava ao início da adolescência, pois necessitavam da filha para cuidar dos irmãos menores, além de auxiliar no aumento da produção agrícola familiar no contexto do trabalho rural. Este conflito era sanado em parte, quando a filha atingia a maioridade ou quando o pai viúvo casava-se novamente (GROSSI, 1990). Com a chegada da madrasta, esta passava a assumir o cuidado da prole assim como os afazeres domésticos e a jovem poderia seguir a vida conventual (GROSSI, 1990).

Para muitas jovens, afastar-se da família para seguir a vida religiosa configurava-se como uma opção de vida representada por campos de possibilidades, pois através do chamado religioso elas poderiam exercer tanto atividades no interior dos conventos como externamente (PIRES, 2015). Para outras, entrar no convento correspondia à única opção conhecida e viável para satisfação do desejo de autonomia e independência da família mascarado pela vontade de não se casar (GROSSI, 1990) e em última instância iam para a vida consagrada as filhas violentadas pelos pais e irmãos (GROSSI, 1995).

Outro ponto que chama atenção é a representação social alcançada pela família quando a noviça recebe os votos perpétuos para tornar-se freira. Nesta fase, a freira é supervalorizada pelo núcleo familiar e os conflitos iniciais representados

pelos dramas individuais entre a família e a jovem ficam guardados no vivido psíquico de cada um. É o momento em que os pais finalmente reelaboram a perda da filha para a vida religiosa. É a garantia que eles terão um lugar no céu (GROSSI, 1990).

Na atualidade, a opção pela vida religiosa vem sendo confrontada no ambiente familiar, pois para os pais é difícil abdicar dos sonhos, pessoais e profissionais, elaborados para as filhas (FERNANDES, 2011). No entanto, esta opção de vida traz implicações para a família no que tange ao sustento dos pais durante a velhice, a não perpetuação da família assim como o próprio sustento familiar (GROSSI, 1990). A família é considerada o ponto de partida para a socialização primária e definição da identidade do indivíduo, é o lugar comum para aquisição e formação de valores, virtudes e atitudes éticas (PETRINI; DIAS, 2015; PERETTI; NOGOSEKE, 2009).

De fato, o chamado vocacional aparece intimamente interligado à vida religiosa e ao seu significado espiritual e político. A vocação religiosa é um chamado para a vivência de um compromisso na Igreja Católica. Trata-se de entregar a própria vida a Deus. Esta vocação é construída por várias vertentes que permeiam as condições sociais, os laços afetivos e os projetos pessoais e/ou institucionais, e que não se restringe apenas a fatores religiosos ou metafísicos (CUBAS, 2007) pois “A vocação é a oportunidade de viver alegremente na plenitude do amor e na generosa doação, na paz e no bem” (CONFHIC).

### 3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa parte dos resultados de um campo de investigação qualitativa e descritiva realizada com as freiras residentes no Convento Sagrada Família, espaço e patrimônio que pertence à CONFHIC, situado no Alto do Bonfim, na cidade do Salvador-BA. Neste convento residem atualmente 54 irmãs, a maioria idosa. Destas, seis integram a Sede Provincial<sup>5</sup> que é responsável pela assistência às irmãs. As demais (48) estão integradas na Fraternidade Sagrada Família específica para assistência às irmãs. O trabalho da Fraternidade envolve cuidados à saúde, exercícios espirituais (retiros), irmãs em trânsito que necessitam passar uma temporada no convento, enfermas e familiares que venham visitá-las.

As freiras que residem no Convento Sagrada Família, as que mantêm contato com a família de origem e as inseridas na família religiosa há mais de dez anos foram incluídas como informantes-chave, assim como as que necessitaram requerer licença de ausência da fraternidade ou excomunhão para poderem cuidar dos pais idosos em algum momento da vida religiosa. Foram excluídas as religiosas que apresentaram déficit cognitivo ao Mini exame do Estado Mental (MEEM) e as que não desejaram participar da pesquisa.

O MEEM (Anexo III) é um instrumento de rastreio de déficit cognitivo validado e utilizado no Brasil. Este instrumento mensura a orientação temporal e espacial, o registro e a recordação de palavras, atenção e cálculo, linguagem e capacidade construtiva visual. O escore varia de zero a trinta pontos e o ponto de corte é definido de acordo com a escolaridade: 26 a 30 pontos - normal, sem déficit cognitivo para idosos alfabetizados, 24/25 pontos - sensibilidade a déficit cognitivo em idosos alfabetizados e 18/19 pontos- sensibilidade a déficit cognitivo para idosos analfabetos (LOURENÇO; VERAS, 2006).

Em relação à licença de ausência da Fraternidade, esta corresponde a um tempo prolongado de ausência, “por justa causa”, porém, nesta situação “permanecem os votos e os deveres da vida religiosa assim como os contatos assíduos com a Fraternidade” (CNBB, 2008, p 6; CONFHIC, 2010. Art. 174 ¶ 6, p114).

---

<sup>5</sup> Sede Provincial: promove a animação vocacional, espiritual e missionária das Irmãs, a realização de retiros anuais e encontros de formação e ainda cuida da administração da Província(CONFHIC).

“A exclaustração refere-se à separação temporária da Congregação (um ano renovável até três anos), com suspensão das obrigações inerentes à vida consagrada em Fraternidade que sejam incompatíveis com a nova condição de vida” (CNBB, 2008, p 7; CONFHIC, 2010, Constituições Art. 175 ¶ 4, p115).

A pesquisa foi realizada no período de Dezembro/2016 a Janeiro/2017. A coleta aconteceu em um ambiente calmo e tranquilo, livre de ruídos, no próprio convento, com frequência de duas vezes por semana, no turno matutino. Por reviverem momentos de lembranças, amargas ou felizes, as freiras que por ventura apresentassem labilidade emocional seriam encaminhadas para a psicóloga da Congregação para minimizar este possível risco ou desconforto.

A técnica empregada foi entrevista em profundidade (MINAYO, 2010) com base em um questionário semiestruturado (ANEXO IV), elaborado pela autora da pesquisa que contemplou questões relativas à relação das freiras com a família de origem e com a família religiosa. As informantes foram questionadas sobre a relação com a família de origem antes da decisão de irem para o convento, as mudanças ocorridas na família de origem após decisão em entrarem para a família religiosa, as mudanças nos sentimentos depois do falecimento dos pais, relacionamento com os irmãos mediante a perda dos genitores e o transcorrer da relação com a família de origem ao assumir os votos perpétuos.

No que tange à família religiosa, foram indagados os motivos que conduziram as jovens para a vida religiosa e a determinação do dote, se as freiras consideram a família religiosa como família, contatos com a família durante imersão na família religiosa e quando é possível ausentar-se da Congregação para estar com os familiares. Além disto, buscou-se conhecer o ano de entrada na vida religiosa, o ano dos votos simples e perpétuos, escolaridade e profissão bem como o número de membros da família de origem, número de familiares vivos, presença dos sobrinhos na ausência dos irmãos, contato com a família (no início da entrada no convento, após tornar-se freira, após os votos perpétuos e atualmente), forma de contato (presencial, telefonemas/carta, e-mail, whatsapp) e frequência de contato com os familiares com objetivo de traçar um panorama do público alvo.

A entrevista ocorreu face a face com a entrevistada e foi gravada em um celular da marca NOKIA 630 e posteriormente transcrita na íntegra para subsequente análise do conteúdo. Este tipo de análise vislumbra a interpretação de mensagens obscuras e/ou veladas no discurso (MINAYO, 2008). Das 54 religiosas residentes no convento,

11 apresentam déficit cognitivo como diagnóstico prévio restando 43 freiras. Destas, cinco não se encontravam no convento no dia da entrevista, duas não desejaram participar da pesquisa e 27 não foram incluídas devido às entrevistas terem atingido o ponto de saturação. A amostra final resultou em nove informantes-chave.

As religiosas participantes da pesquisa tiveram seus nomes preservados sendo identificadas com cognome de flores que foram escolhidos de acordo com o significado que representasse uma característica da informante: Orquídea (pureza), Lótus (proteção e amor), Nenúfar (coração puro), Lilás (aspiração), Begônia (cordialidade), Íris Azul (confiança), Íris Branca (esperança), Girassol (dignidade) e Cacto (perseverança). Após as entrevistas, foram elencados como núcleos de sentido: a relação familiar, o querer ser freira, os motivos de escolha para entrada na vida religiosa, o dote e a família religiosa enquanto família.

À título ilustrativo foram utilizadas imagens das freiras com seus familiares registradas em visita à CONFHIC, tanto na apresentação oral quanto na versão escrita. Para tanto, as entrevistadas assinaram o termo de uso da imagem (ANEXO V) assim como o Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com a Resolução nº 466 de Dezembro de 2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (ANEXO II) e a Instituição assinou a declaração de anuência (ANEXO I). A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisas da UCSAL sob o parecer número 1.762.781 em 05/10/2016 e CAAE 59943316.1.0000.5628.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir são apresentados os dados das entrevistas realizadas com as informantes-chave, dispostos em tabelas, para conhecimento das características sociodemográficas, e de formação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, residentes na CONFHIC, assim como as características da família de origem e as formas de contato das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras com a família de origem em diferentes períodos da vida religiosa. Por conseguinte, a análise do conteúdo das entrevistas se revela nos seguintes núcleos interpretativos: a família de origem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras (Pai, mãe, quero ser Freira; Relação Familiar), a Família Religiosa (Motivos de escolha para entrada na vida religiosa; O dote; Família Religiosa enquanto família) e, por fim, uma proposta de análise-Caminho de Vida: Desejo de ser freira.

### 4.1 AS ENTREVISTADAS

Durante o período de coleta, foram entrevistadas nove informantes-chave. A média de idade variou de 50 a 90 anos. Em relação ao período de entrada na vida religiosa, três foram na década de 40, duas na década de 50, duas na década de 60, uma na década de 70 e a mais nova na década de 90 (Tabela I). Quanto à escolaridade, cinco possuem ensino superior, duas estudaram até o ginásio e duas até o 2º grau. Quanto ao MEEM, as participantes tiveram escores acima de 26 pontos. Dentre as que possuem nível superior, uma é Assistente social, uma é Enfermeira, uma é Pedagoga, e duas têm formação em Letras, sendo uma com especialização em psicopedagogia. As demais referiram como profissão ser religiosa<sup>6</sup> e apenas uma é Técnica de Enfermagem (Tabela II).

Quanto à ocupação atual, a maioria encontra-se aposentada por estarem idosas, mas exercem atividade no próprio convento: uma é secretária, outra é responsável pelo registro documental da instituição. As demais atuam na preparação de cânticos, organização da capela, trabalhos manuais. No que diz respeito à idade em que houve o despertar para ser freira, oito informantes a evidenciaram. Uma referiu por volta dos 9-10 anos, três aos 13 anos, uma aos 15 anos, uma aos 17 anos, uma

---

<sup>6</sup> As informantes que referiram como profissão ser religiosa, não têm uma qualificação específica porém compreendem que a profissão delas é ser freira.

aos 18 anos e outra na vida adulta. Quanto às fases que compreendem o período de formação, oito entrevistadas iniciaram a formação religiosa no Postulantado e apenas uma no Aspirantado. Esses dados estão apresentados na Tabela II.

**Tabela 1 – Características sociodemográficas das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras residentes na CONFHIC. Salvador-Bahia, 2017.**

Informante	Idade atual	Ano entrada na VR	Idade de Entrada no Convento	Votos Simples	Votos Perpétuos
Lótus	90 anos	1948	22 anos	1958	
Orquídea	89 anos	1949	22 anos	1952	1959
Cacto	83 anos	1956	23 anos	1958	1967
Girassol	70 anos	1975	29 anos	1980	1986
Begônia	90 anos	1944	18 anos	1949	1954
Lilás	79 anos	1959	21 anos	1961	1967
Íris Branco	75 anos	1965	23 anos	1967	1976
Íris Azul	50 anos	1998	32 anos	2000	2008
Nenúfar	76 anos	1967	27 anos	1971	1978

**Tabela 2 - Características de formação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras residentes na CONFHIC. Salvador-Bahia, 2017.**

Informante	Escolaridade	Profissão	Despertar para ser freira	Fase Formação
Lótus	Seg. grau	Catequista	13 anos	Postulantado
Orquídea	Ginásio incompleto	Téc. Enferm.	13-14/15-16 anos	Postulantado
Cacto	Ginásio	Religiosa		Postulantado
Girassol	Superior completo	Letras/ Psicopedagogia	9-10 anos	Postulantado
Begônia	Superior completo	Enfermeira	13 anos	Postulantado
Lilás	Superior Completo	Pedagogia	18 anos	Postulantado
Íris Branco	Seg. grau	Religiosa	17 anos	Postulantado
Íris Azul	Superior completo	A. Social	Vida adulta	Aspirantado
Nenúfar	Superior completo	Letras	15 anos	Postulantado

Na Tabela III estão registradas as características das famílias de origem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras. As nove informantes-chave são provenientes de famílias numerosas com variação de oito a 17 membros nos quais os genitores eram

religiosos. A maioria apresenta irmãos vivos com exceção de Irmã Begônia. Muitos sobrinhos se fazem presentes.

**Tabela 3 - Características das famílias de origem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras residentes na CONFHIC. Salvador-Bahia, 2017.**

Informante	Nº Membros da Família	Irmãos Vivos	Presença Sobrinhos	Genitores Religiosos
Lótus	10	02	Sim- telefone	Sim
Orquídea	17	10	Alguns	Sim
Cacto	10	04	Muitos	Sim
Girassol	13	08	Sim- às vezes	Sim
Begônia	12	00	Muitos	Sim
Lilás	12	03	--	Sim
Íris Branco	08	02	Muitos	Sim
Íris Azul	10	09	Sim	Sim
Nenúfar	10	06	Muitos- férias	Sim

Em continuidade, na Tabela IV encontram-se as formas de contato com a família de origem nos diferentes períodos da vida religiosa através de cartas, telefonemas, e-mails, Whatsapp ou presencial. No início da entrada no convento, as informantes-chave Orquídea, Cacto, Begônia e Lilás ficaram em torno de dez anos sem visitar a família e a comunicação era através de cartas. Para Irmã Cacto, Íris Branco e Nenúfar, as cartas só podiam ser escritas em datas festivas

Um dado importante revelado pela Irmã Lilás é que “as cartas eram vigiadas- a Madre abria e lia as cartas- a gente achava normal”. Estes fatos justificam-se pela rigidez das regras da Igreja Católica no período anterior ao Concílio do Vaticano II (11/10/1962- 08/12/1965) de acordo com algumas Irmãs. Para a informante Íris Azul, a comunicação, neste período, ocorreu por cartas, telefonemas e e-mails e a sua entrada no Convento foi em período mais recente- 1998. As demais entraram no convento em anos anteriores a 1976 e a forma de comunicação mais utilizada era por cartas após terem se tornado freiras e após os votos perpétuos.

**Tabela 4 - Formas de contato das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras com a família de origem em diferentes períodos da vida religiosa. Salvador-Ba, 2017.**

<b>Informante</b>	<b>Entrada convento</b>	<b>Após tornar-se freira</b>	<b>Após votos perpétuos</b>	<b>Atualmente</b>	<b>Frequência de contato</b>
<b>Lótus</b>	Cartas	Cartas	Presencial	E-mail (sobrinhos)	Raramente-Férias
<b>Orquídea</b>	Cartas- 11 anos sem visitar a família	Cartas/ Presencial	Cartas/ Telefonema	Presencial / Telefonema	Telefonema aos domingos
<b>Cacto</b>	Cartas Páscoa/ Natal 10 anos sem visitar a família	Cartas	Cartas/ Presencial	Telefonema	Datas comemorativas
<b>Girassol</b>	Cartas/ Presencial	Presencial	Cartas/ Presencial/ Telefonemas/ E-mail	Whatsapp (diariamente)	Anual
<b>Begônia</b>	Cartas- 10 anos sem visitar a família	Cartas/ Presencial	Cartas/ Presencial	Telefonema/ Presencial	Quase semanal
<b>Lilás</b>	Cartas- 10 anos sem visitar a família	Cartas	Cartas	Telefonema	Anual
<b>Íris Branco</b>	Cartas- festas	Telefonema/ Presencial	Telefonema/ Presencial	Telefonema/ Presencial/ Cartas	Anual
<b>Íris Azul</b>	Telefonemas/ Cartas/ E-mail	Telefonemas/ Cartas	Telefonemas Cartas; E-mail	Whatsapp	Mensal ou quando necessário
<b>Nenúfar</b>	Cartas-Páscoa e Natal	Cartas	Cartas	Whatsapp	Anual Semanal/ mensal: telefone ou whatsapp

Vale ressaltar que a Irmã Girassol foi a única informante que manteve o contato presencial com a família de origem desde o período de entrada no convento, após tornar-se freira e após os votos perpétuos. Na atualidade, as Irmãs Girassol, Íris Azul e Nenúfar se comunicam via Whatsapp e mantêm contato anual de forma presencial no período de férias enquanto as Irmãs Orquídea, Begônia e Íris Branco contatam a família de forma presencial e por telefonemas, enquanto a Irmã Cacto só o faz por telefone. Segundo a Irmã Orquídea a frequência de contato ocorre sempre aos domingos via telefone.

## 4.2 FAMÍLIA DE ORIGEM DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS

Pensar na família de origem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras significa revisitar o passado, as suas lembranças, a convivência com os irmãos, os sentimentos após a perda dos genitores, assim como os conflitos gerados no núcleo familiar em consequência da decisão de ingressar em um convento.

### 4.2.1 “Pai, mãe, quero ser freira!”

A reação de algumas famílias das informantes sobre a notícia da filha querer ser freira correspondeu a uma não aceitação por parte dos genitores. A não aceitação ocorreu às vezes por parte do pai e, em outros casos, por parte da mãe, com sentimentos diversos. Outros foram cautelosos quanto à saída da filha da casa paterna, pois já tinham a experiência com familiares que viviam na vida religiosa e permaneciam ausentes do contato familiar. Uma única família aceitou a nova inserção com tranquilidade.

Para as jovens inseridas numa família com hábitos e rotinas religiosos, abordar a questão do querer ser freira transcorreu com mais facilidade. Irmã Nenúfar sondou seus pais e teve uma resposta muito positiva. Tal positividade também estava refletida na presença de uma tia paterna que era freira, mas não de uma congregação Franciscana.

Mamãe, se uma filha da senhora quisesse ser freira o que que a senhora dizia? Aí ela disse: Ah, minha filha[...] Se as cinco filhas que eu tenho quisessem ser freiras e os três filhos quisessem ser padre, eu era a mulher mais feliz da minha vida[...] Desse jeito. Aí papai tava lá na sala e eu fui perguntar atrás dele: Papai se uma filha do senhor quisesse ser freira o que que o senhor dizia? Aí, ele me deu a mesma resposta: Minha filha, se as cinco mulheres quisessem ser freiras e os três homens quisessem ser padres[...] Eu era o homem mais feliz da minha vida. Parece que combinaram. (Irmã Nenúfar)

Vale ressaltar que esta informante teve o despertar para ser freira aos 15 anos de idade, mas só questionou os pais quando estava com 20 anos. Passou por um processo de amadurecimento da escolha, entrando no convento aos 25 anos.

Sentimentos como medo, susto e expectativa foram explicitados pela irmã Íris Azul como reação da família ao receber a notícia do querer ser freira. Nesta família,

os filhos eram criados para dar continuidade à linhagem familiar, ou seja, só sair de casa quando acontecesse o casamento.

Então, para minha família me ver sair para o convento, distante da minha cidade, e ainda sem conhecer bem a dinâmica da vida religiosa, constituiu certa apreensão. Com o passar do tempo e pelas informações que eram passadas através dos contatos por telefone, cartas e períodos de férias, a familiaridade e a confiança foram se fortalecendo. (Irmã Íris Azul)

De acordo com Grossi (1990), a ida para vida conventual representava uma perda para família por não aumentar os laços de parentesco corroborando com os achados na pesquisa atual. Na família da Irmã Lótus, os pais não aceitaram a decisão da filha. Foram surpreendidos com o fato:

Primeiro eu não disse nada em casa, só disse na véspera. Meu pai quase que morre, foi preciso ir ao médico. Minha mãe chorou. Disse que preferia ver meu caixão. (Irmã Lótus)

O desejo de ser freira em Irmã Lótus havia se manifestado aos 13 anos de idade e se consolidou aos 22 anos. Como o pai dela era rigoroso e rígido, este provavelmente tenha sido o motivo dela só ter contado à família na véspera de ir para o convento. Fica subtendido em seu discurso a possibilidade do namoro e a proibição do pai em contraposição ao querer sair de casa para ser freira:

Não sei porque eu não dizia, estava com 22 anos e não podia namorar porque ele não deixava. Quando completei 22 anos perguntou um dia se eu queria me casar. Desde os 13 anos eu queria ser freira. Queria ir para não voltar. (Irmã Lótus)

Nunca namorei, nem quis. Teve duas pessoas que eu simpatizava, achava interessante. Foram dois rapazes que eu tive vontade mas não cheguei a namorar não. (Irmã Lótus)

Na família de Irmã Begônia, três membros eram religiosos: a irmã mais velha, já falecida, pertenceu à congregação Franciscana, um irmão que chegou a fazer os votos no convento Capuchinho e não pôde continuar devido à tuberculose, e um outro irmão foi seminarista. Este último, seu grande aliado, articulou sua ida para o convento: “fiz tudo escondido com meu irmão que estava no seminário”. Inicialmente, o pai ficou zangado mas esta reação foi passageira.

Eles ficaram felizes, sabe?! Minha mãe ficou muito feliz. Saudade, né! Mas depois meu pai ficou zangado com minha mãe porque ela não disse pra ele, mas nem ela sabia. Depois veio aqui, seis meses depois ele veio. Quando chegou aqui eu fui passear com ele, com a fardinha bem arrumadinha, feliz da vida e acabou a zanga. (Irmã Begônia)

Avemaria, é uma alegria grande quando a gente chegava em casa, meu Deus, continua assim. Nenhum conflito. Foi durante, depois e agora. Meus irmãos a mesma coisa. (Irmã Begônia)

Já Irmã Orquídea verbalizou que sua decisão em ir para o convento foi tão rápida que quase ninguém acreditou. O pai fez obstáculo e a avó transpareceu um pouco de medo. Isto gerou um receio na jovem a ponto de questionar ao pai se, caso ela não ficasse no convento, ele não mais a receberia. Ela ficou serena quando a resposta foi positiva.

Ele disse que eu pensasse bem que a vida religiosa, que ele já tinha uma irmã religiosa e fazia muito tempo que não a via. Por causa disso eu acho que ele foi dizendo assim pra mim que eu vinha e ele não ia me ver mais e que eu podia não voltar mais, foi o que eu senti nesse momento. (Irmã Orquídea)

E a irmã mais velha a aconselhou: “Você quem sabe. Você sabe que a vida religiosa não é essa daqui de casa não”. A rotina desta família era pautada em rezar diariamente:

Na casa da minha avó tinha uma sala, como essa, como se fosse uma igreja, cheio de santo e a gente só era assim, era rezar. Até se fosse pra igreja tinha que rezar em casa pra depois ir pra igreja. Isso era minha formação jovem. (Irmã Orquídea)

Esta informante revelou que tinha uma boa relação afetiva com o pai, porém, o mesmo não acontecia com sua mãe evidenciando que havia uma tensão familiar nesta relação. Informou que não era cercada de carinho pela figura materna, tendo sido criada pela avó.

A falta de carinho, de afetividade por parte da genitora, pode ter sido a mola propulsora para a entrada no Convento, assim como seu desejo interior despertado pela vontade de ouvir o Evangelho. De acordo com Colombero (2003), as jovens vocacionadas que buscam a vida religiosa estão à procura de um ambiente propício ao encontro do afeto que poderiam vir a receber da família de origem ou do casamento. O autor ressalta que as características deste ambiente religioso contribuem ao crescimento interior pelo fato de se pautar no acolhimento e no calor humano.

Colombero (2003) destaca que a afetividade está presente tanto no seio familiar quanto na Vida Religiosa. A diferença reside em que, na família de origem, há o compartilhamento “do mesmo teto, refeições e regras”, enquanto na vida conventual existe o clima comunitário regido por “palavras, silêncios, sentimentos, gestos, olhares” (COLOMBERO, 2003, p. 5).

Para a família da Irmã Íris Branco, a aceitação em ser freira foi conturbada. O irmão que a criava a estimulava enquanto a irmã lhe despersuadia conforme o trecho de seu depoimento:

Você vai embora? Você vai, você quer ir?” Eu disse: ô menina, diga sim, deixe. Se um dia nosso senhor ver que eu não posso, eu volto. Não, você sabe que você é minha filha, cê tem suas filhas aqui pra criar, as filhas dela. Aí as meninas choraram tudo agarrada em mim. Aí eu fui. Aí ela chegou e disse assim: ói, Íris, você quer ir, você vai. Não é do meu gosto, é do de nosso irmão. Mas eu não sou. Você é de cor, você sabe, lá a vida de freira, você é de cor, você vai ser muito escrachada, sofrida porque você é preta, lá só tem gente branca. Aí eu fiquei, aí foi que doeu. Aí ela disse: você vai, mas talvez, mais nunca você vai me ver. Menina, isso aí foi o maior sofrimento da minha vida. A indecisão. Aí eu disse, mas eu vou, eu vou, eu volto com fé em Deus. (Íris Branco)

A não aceitação dessa irmã, para que a informante fosse freira, era uma forma de não haver corte da relação familiar associada à preocupação quanto à criação de suas filhas devido ao seu vício de alcoolismo e a possibilidade de rejeição no convento não querendo que a irmã sofresse. O sofrimento e a rejeição foram características evidenciadas no estudo de Cubas (2014). Esta autora afirma que as jovens enfrentam dificuldades no acesso à congregação, comparando uma família abastada, branca de origem católica com aquelas jovens negras, pobres e sem suporte familiar tanto na perspectiva financeira quanto emocional.

Fernandes (2011) verificou, em sua pesquisa, que há confronto no ambiente familiar quando as filhas escolhem entrar para vida religiosa, em virtude dos pais não quererem abdicar dos seus sonhos pessoais e profissionais projetados para o futuro destas jovens corroborando com o estudo atual para a maior parte das informantes. Para Grossi (1990), a ida da jovem para o convento interfere no sustento familiar, assim como a questão do não-casamento e o não-apoio e sustento dos pais durante a velhice. Estes achados não foram evidenciados no estudo referente às Irmãs Franciscanas Hospitaleiras.

#### **4.2.2 Relação Familiar**

A relação familiar compreende a busca pelo bem pessoal de cada membro da família. Envolve também o amor por si e pelos outros tendo por finalidade assegurar o bem comum mediante a cooperação entre os membros da família (MENEZES, 2016). Para tanto, é preciso sentir-se pertencente ao núcleo familiar para que cada

indivíduo possa construir suas identidades tanto pessoais quanto sociais (DONATI, 2008). Alguns discursos explicitaram o bem-estar presente na relação com os irmãos.

Foi observado no conteúdo das narrativas que a maioria das informantes participantes da pesquisa viveu uma infância feliz com os seus pais e irmãos. Elas eram provenientes de famílias numerosas e pobres, mas o amor e o vínculo de pertencer à família nas quais estavam inseridas sempre foram muito fortes. Algumas ajudavam os pais tanto na roça quanto no cuidado dos irmãos menores e afazeres domésticos.

Essa prática é comum quando a família é numerosa, de pouca condição financeira, e a filha mais velha assume os cuidados dos irmãos menores. Tal situação foi encontrada no estudo de Grossi (1990), realizado com freiras de origem rural no Sul do Brasil. Era comum cuidar dos irmãos e ajudar na roça.

Cuidar dos irmãos é uma grande responsabilidade a ser assumida por uma criança de apenas cinco anos de idade. Assim ocorreu com Irmã Nenúfar que também revelou que não tinha tempo para brincar, pois tinha uma rotina familiar exaustiva.

Eu sou a mais velha, ajudei a criar meus irmãos todos, ajudava minha mãe nos trabalhos de casa. Éramos oito irmãos, ajudava nos cuidados de arrumar eles pra irem pra escola[...] Meu pai comprou mobília lá em São Paulo de quarto, sala, cozinha, tudo vem montado nas caixas, pra gente olhar e guardar, não tinha tempo de brincar. (Irmã Nenúfar)

Das participantes do estudo, apenas uma não conviveu com os genitores tendo sido criada por um dos irmãos. A mãe faleceu muito cedo e o pai abandonou a família. Na interlocução surgiram relatos de angústia em relação ao pai:

Meu pai saiu pra outra família [...] Disse que eu era filha do segundo casal, mas eu não me considero, considero que a mãe, eu acho que a mãe é mãe, pai e tudo pra mim. Ainda mais que eu não conheci ele, nunca conheci ele, nunca vi nem como ele era, já morreu[...]. E eu não suportava meu pai, nem o nome no papel eu gostava. A mesma coisa é animal, eu não gostava de ver nem cobra em lugar nenhum. Meu pai, eu tenho essa imagem. [...] foi traiçoeiro com minha mãe e comigo. (Irmã Íris Branco)

Esta imagem negativa em relação à figura paterna representa uma marca profunda, repleta de amargura que perdura ao longo de sua história de vida apesar de ter recebido todo carinho e cuidado por parte do irmão responsável por sua criação. Na atualidade, na condição de freira, ela diz já ter pedido perdão a Deus, mas seu discurso de rejeição ainda é muito forte:

Eu, como freira, já pedi perdão a Deus. Eu odiava o nome de pai porque, como eu soube, ele foi com minha mãe desse jeito então, engraçado, ficou

essa imagem em mim traiçoeira, de bandido. Porque tinha família e tinha outra na outra cidade. Então eu tenho essa imagem assim, não gostava. Aqui no convento, quando eu cheguei, já foi assim, odiando a pai. (Irmã Íris Branco)

Durante entrevista com outra participante, a tristeza interior se revelou quando verbalizou a falta de carinho por parte de sua genitora:

Minha mãe não tinha muito tempo, era muito filho, não dava tempo pra fazer carinho. Foram oito filhos, um atrás do outro. E eu, quando nasci, nasci de sete meses, quase fui criada por minha avó, porque minha mãe não tinha mais tempo, nem sabia cuidar, aí minha avó tomou conta. (Irmã Orquídea)

Apesar deste sentimento, a relação transcorreu bem com a família ao longo do tempo:

Meu pai era meio sério, ele brincava mais com a gente que a gente com ele. A relação era boa tanto com meus pais, como com minha avó, minhas tias. (Irmã Orquídea)

Vale ressaltar que a ausência de carinho da mãe foi suprida pela avó e que em relação aos irmãos, eles ficavam eufóricos quando ela chegava em casa, conforme mostra os trechos a seguir:

[...] eu sempre vinha mais pra casa da minha avó, quando eu tinha vontade vinha pra casa de minha avó. Minha avó morava na cidade, aí como meu pai gostava muito da mãe dele, eu falava “quero ir pra casa da minha avó”, ele me trazia. Pra falar a verdade, ficava mais tempo na casa de minha avó do que na casa de meu pai. Ela não fazia dengo não, mas me dava atenção e ela ia pro sítio, me levava e eu gostava desse tipo de coisa. (Irmã Orquídea)

[...] quando eu chegava em casa eles acordavam os vizinhos todinho pra dizer que a irmã deles tinha chegado! Quando eu chegava eu me lembro bem que ele acordava os vizinhos pra dizer que a irmã dele tinha chegado. Que eu me lembro disso!!! (Irmã Orquídea)

Em outro discurso, é possível observar que a relação com a família de origem era pautada na obediência e respeito:

Você acredita que na casa de meu pai nunca teve problema como hoje as pessoas vêm se queixando. Minha mãe soube criar de uma maneira que não teve problema porque desde pequenininha que ela já dizia para gente obedecer. Se não obedecesse, naquela época, era chinelada. (Irmã Cacto)

A gente tinha um grande respeito pelos pais, pela mãe. Mãe não deixava a gente brigar nem teimar que ela já botava de castigo...tinha palmatória e a chinela dela (risos). (Irmã Cacto)

Para outra família, a relação diária acontecia no ambiente rural. Era uma vida boa rica em brincadeiras com os irmãos, mas, também haviam obrigações a serem cumpridas:

Eu morava lá com eles, vivia, Católicos. Íamos à missa domingo. Minha mãe era muito piedosa, meu pai lavrador, tinha uma fazenda, ele trabalhava numa fazenda, a gente trabalhava na roça também, a gente ia apanhar café, fumo e mandioca e assim uma vida boa, brincar muito, quase que morri, ainda tenho marca aqui que os meninos faziam carrinho, botava pra gente, disse que eu fiquei junto da roda, meu pai acabou com o carrinho, acabou com tudo, quase que morri. Brincava muito com meus irmãos. De todos, sou a caçulinha querida do papai. (Irmã Begônia)

Para a Irmã Lótus, a convivência com seus irmãos era prazerosa. Em relação aos pais informou que a mãe não tinha estudo, mas era compreensiva, enquanto o pai representava austeridade e lhe gerava sentimento de medo:

Com meus irmãos era muito delicioso viver com eles, brincar com eles, era maravilhoso. Meu pai era muito rigoroso. Eu achava tão difícil que quando diziam que Deus era meu pai, eu não queria. Eu quero que Deus seja meu irmão porque meu pai era muito rigoroso. Mas era muito sensível, qualquer coisa, bastava ver um boletim com dez que se emocionava. Por tudo se emocionava, mas, era assim rígido mesmo, de maneira que tinha medo dele. Eu preferia que Deus fosse meu irmão. Só depois fui compreender e fui perdendo meu pai e compreendi porque ele era assim, ele tinha sido um pai muito rigoroso. Minha mãe era melhor, mais compreensiva, mas não era assim uma mãe... Era muito sofrida, gostava de ler romance, às vezes esquecia até de fazer comida lendo os romances. Não era muito compreensiva não, mas era uma pessoa muito boa. Era analfabeta. Meu pai tinha estudo. (Irmã Lótus)

A Irmã Lótus referiu que apesar da mãe não ter estudo, gostava de ler romances e em seguida diz que a mãe era analfabeta. O discurso se mostrou confuso mas, de fato, referiu não lembrar se a genitora havia frequentado a escola ou se aprendeu a ler em casa.

Brincar com os irmãos significava reviver a infância em família com alegria e satisfação. No entanto, uma das participantes da pesquisa não teve esta oportunidade apesar de ter muitos irmãos.

Minha infância, eu não vivi muito assim a infância porque minha infância foi mais assim tomando conta de outras pessoas. Dos outros irmãos não, que eu fui a caçula. Assim de sobrinhos, eu tomava conta de crianças assim fora, sabe? (Irmã Íris Branco)

Uma das entrevistadas explicitou que a relação com a sua família era um ponto de partida, pois precisou mudar de cidade com uma de suas irmãs por causa dos estudos. Foram para um internato que seguia uma disciplina de freira, colégio das Ursulinas, mas não tinha freira. Na época, esta jovem havia se afeiçoado pela proprietária deste internato que se tornou sua madrinha de batismo, mas referiu que não perdeu o contato com a família. Foi acolhida em uma nova família:

Então ela me assumiu, praticamente eu só ia, em casa ver os meus pais, em férias, em visita. Fiquei morando com ela, me assumiu totalmente, a mim e a minha irmã, mas a gente não perdeu o contato com a família. Isso ela fazia todo o empenho de nos levar, de trazer. Papai mandava produtos lá do interior para ela [...]. Era uma relação já dividida: eu tinha que receber e dar afeto a minha família biológica e receber e dar afeto a família que me acolheu. (Irmã Girassol)

Dentro de um quadro de diferenças importantes quanto a histórias familiares, pode-se afirmar, como Grossi (1990) no seu estudo com Irmãs no Estado de Santa Catarina, que as Irmãs entrevistadas vieram de famílias populares rurais. Constatou-se que a relação com os pais, para algumas informantes era dolorosa. Em uma situação foi evidenciado falta de carinho por parte de uma genitora, em outra, sensação de angústia pelo pai ter abandonado à família e, para outra participante a relação era pautada na obediência e no respeito. Diferentes pontos de vista regem as relações familiares pois cada membro é único e tem sua própria identidade.

#### 4.3 A FAMÍLIA RELIGIOSA COMO UMA OPÇÃO DE VIDA

A percepção das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras sobre a família religiosa remete à aceitação enquanto núcleo familiar, composto por laços afetivos que se sobressaem ao núcleo basal afirmados pelo processo da convivência, do compartilhamento do mesmo ideal, pelo cuidado com o outro e pela realização de desejos individuais. Para compreender esta percepção das informantes-chave sobre a família religiosa, fez-se necessário conhecer os motivos que as conduziram à vida religiosa, a determinação do dote para entrada na vida conventual e se a família religiosa pode ser considerada família.

##### **4.3.1 Motivos de escolha para entrada na vida religiosa**

Ao serem questionadas sobre os motivos de escolha para entrada na vida religiosa, foram observados nas entrevistas que os projetos pessoais foram os propulsores iniciais para o ingresso na Congregação. Estes projetos estavam ligados diretamente ao chamado divino e ao despertar para ser freira. Das nove freiras estudadas, oito referiram o chamado como uma convocação divina para seguir a vida religiosa. Uma das informantes definiu o chamado da seguinte forma: “O chamado é

a inspiração interior. Algo entre a alma e Deus. O chamado vem primeiro, depois o desejo de ser freira.” (Irmã Girassol)

Para esta irmã, o despertar para ser freira ocorreu ainda na escola primária, por volta dos 9-10 anos. Nesta época, ela só conhecia freira em livros, nas histórias. Quanto mais o tempo passava mais a sua vocação aumentava. No entanto, só pôde entrar no convento após concluir sua formação superior, pois a instituição religiosa não aceitava meninas muito jovens na Congregação.

Apenas uma Irmã expôs o desejo de ser freira para servir ao próximo e cuidar de crianças pobres na comunidade. Este foi o motivo principal do seu ingresso na Congregação que, segundo ela, seria o único caminho para a realização deste desejo.

Olhe, eu gostava muito de criança. Gosto ainda, né?! E quando eu decidi entrar na vida religiosa, o padre a quem eu falei perguntou ‘a senhora quer ser o que, quer ser damas, quer ser irmã de colégio ou quer ser irmã que cuida de crianças’? Aí eu disse: quero ser como aquelas irmãs que cuidam das crianças do João Moura. (Irmã Lírio)

O sentimento de solidariedade para com os pobres está intimamente ligado ao processo de inserção na vida religiosa para Fernandes (2000). Esta pesquisadora afirma que se trata de um processo de escolha que é gradual e conflitante, de caráter definitivo, mas que passa por remodelação e adaptação diária.

Os sinais e sentimentos de comunicação com o sagrado, vividos por estas irmãs, revelaram-se como marcos temporais extremamente significativos em suas trajetórias. Esta perspectiva mística integra a vocação num continuum configurado pela interpelação, pela busca de sentido para a vida que se constrói referenciada pela memória ativa. (FERNANDES,2000, p.3)

O chamado enquanto vocação, perpassa por condições sociais, pela afetividade e projetos pessoais e/ou institucionais, na concepção de Cubas (2007). Para a CONFHIC, significa a verdadeira vocação, é o ensejo viver de forma alegre no amor e na doação, na paz e no bem (CONFHIC). Isto pode ser evidenciado no discurso seguinte:

[...] eu fiquei num banco olhando e não quis mais ir para o pastoril. Eu senti assim, que Deus me chamava para viver aquela vida dos frades, aquela vida de doação. Achei tão lindo aquilo [...] de ferir o coração. Preferi ficar pensando naquilo ali, e agradecendo a Deus porque estava me chamando para eu viver a mesma vida, aos 13 anos de idade. (Irmã Lótus)

Neste discurso também se observa o encantamento pela vida religiosa. A experiência do encantamento foi verificada na análise de Fernandes (2000) na perspectiva das religiosas de vida ativa. Para elas, a importância está nos símbolos

expressos através do hábito, das práticas comunitárias que envolvem o trabalho, a oração, dentre muitas outras atividades. Estes símbolos, presentes no universo da família religiosa, podem influenciar e impulsionar a escolha individual.

De acordo com Seidl (2012), a vocação religiosa é composta por dimensões individual e coletiva durante o processo lento de transformações subjetivas, vivenciadas por estas mulheres que revelam a importância de ações conjugadas no espaço doméstico, na escola primária e na própria igreja pela família de origem e pelos agentes religiosos.

Esses agentes tinham a finalidade de recrutar os jovens para a vida religiosa criando laços com as famílias, geralmente de baixa escolarização. A convivência com esses agentes, para uma das religiosas, despertou o encantamento em ser pobre e a valorização da vida simples imersa na vida religiosa conforme conteúdo:

Onde a gente morava, viviam os frades que vieram da Alemanha e se estabeleceram na nossa comunidade. E foi numa casa muito pobre que eles se localizaram e eles eram muito pobres, visitavam muitos pobres; comiam na minha casa que era muito pobre. Uma vez, dormiram até na minha casa, numa rede. Eram tão pobres e tão cheios de Deus, que aquilo me encantava. (Irmã Lótus)

Entretanto, para outra informante, sentir-se chamada por Deus para viver a vida religiosa não houve influência de agentes religiosos:

Um dia eu estava sentada, havia uma nuvem escura e tinha uma represa na fazenda. Depois da cozinha pra lá agente via a represa. Aí eu disse assim: Jesus está do outro lado e eu vou, eu vou e a coisa queria. Não foi influenciado por ninguém. Senti no coração, foi o chamado. (Irmã Begônia)

Na concepção de Cubas (2007), o chamado dentro da Instituição religiosa é uma vocação que necessita ser iniciada pela vontade de ser freira, ou seja, pela Animação Vocacional, e que esta precede a etapa de formação das religiosas. Esta vocação, além de ser despertada, também é reforçada através de reuniões e acompanhamento daquelas que haviam se interessado por esta vida. É importante enfatizar que a família é compreendida como base para o surgimento de novas vocações por ser considerada espaço de preparação (MAFFI, 2012). É entendida também como responsável pelo despertar de virtudes essenciais para a vida, da futura freira, como força de vontade, retidão e piedade (LEONARDI, 2010).

O estudo em questão constatou que a maioria das entrevistadas recebeu seu chamado na adolescência, mas, a idade em que ingressaram na Congregação variou

dos 18 aos 32 anos. Neste período, elas iniciaram as etapas de formação da vida religiosa. As jovens vocacionadas começaram a vivenciar a caminhada vocacional. Nesta Congregação, o processo de discernimento compreende o Aspirantado, Postulantado, Noviciado e Juniorato. Após estas etapas, as que perseverarem assumem então os votos perpétuos (FREITAS, 1997). Contudo, a presença do Aspirantado é uma etapa que anteriormente à década de 90 não acontecia no convento da Sagrada Família. As futuras freiras iniciavam sua formação no Postulantado.

Uma das informantes ingressou tardiamente na vida religiosa pois em seu núcleo familiar os filhos eram criados para construir uma nova família, ou seja, vivenciar o casamento. O discurso a seguir corrobora esta assertiva:

Sei que não foi um desejo que me acompanhou desde a infância. Vivi as fases normais da adolescência, juventude e um bom tempo da fase adulta com os pensamentos normais de namoro e também casamento. (Irmã Iris Azul)

Este despertar para a vocação foi diferenciado como revela seu depoimento:

Particpei de grupo de jovens na comunidade, lia livros católicos dentre os quais destaco uma revista Católica que trazia além de alguns artigos religiosos várias propagandas vocacionais com convite para uma experiência na vida religiosa. Outro fato que me marcou foi o filme Irmão Sol Irmão Lua que assisti casualmente pela televisão [...] assim um dia que não sei precisar a data senti o desejo de ser religiosa consagrando-me a Deus para lhe servir no acolhimento de irmãos e irmãs necessitados a exemplo de Francisco e Clara de Assis. Para isso busquei uma Congregação Franciscana que me acolheu e compreendeu as minhas motivações. O motivo principal que me trouxe a vida religiosa foi ser instrumento de Deus em um estilo de vida diferente que favorecia uma maior aproximação as pessoas que necessitavam de amor e acolhimento- crianças, jovens e idosos marginalizados. (Irmã Iris Azul)

O fato de querer cuidar de pessoas em situação de marginalização, de exclusão, de vivenciar trabalhos na comunidade, para esta Irmã, só foi possível pelo fato de estar inserida em uma Congregação de Vida de Ativa, ou seja, um modelo de vida conventual com projeto de atuação social diferenciando-se da vida em clausura. Trata-se de uma realidade carregada de sentidos para quem nela crê. Significa ofertar a vida; trata-se de uma experiência de entrega absoluta ao sagrado e aos seus encantos (FERNANDES, 2000).

### 4.3.2 O dote

Para uma jovem ser freira e ingressar numa Congregação era exigido o dote. Tratava-se de um investimento dado em espécie pelo pai da futura freira. Para a família, o ingresso da filha na Congregação protegia as riquezas familiares (GROSSI, 1995), e impedia o casamento da jovem com um noivo de nível social inferior (SILVA, 2007).

Na visão paterna, era um pagamento pela parte da herança familiar à filha e, na visão da Congregação, seria como uma triagem do número excessivo de ingressantes. Grossi (1990) evidenciou que houve uma transformação neste modelo simbólico, pois o dote passou a ser direcionado às despesas com escolarização e alimentação das candidatas na vida inicial. É importante ressaltar que quando as informantes foram questionadas sobre a exigência do dote foi revelado que cada família ofertava o que fosse possível dentro das condições financeiras. O discurso seguinte revela tal asserção:

Minha família não tinha posses largas assim. O dote que eu trouxe foi meu fundo de garantia. Como eu já trabalhava e tinha o fundo de garantia, então combinou com as Irmãs, aí, retirou o fundo de garantia e entregou. (Irmã Girassol)

Além do dote, era necessário que a jovem levasse o enxoval. Este representava uma alusão ao matrimônio (GROSSI, 1990), haja vista que a entrada na Congregação também era um casamento com Jesus, simbolizado pelo uso de anel de aliança após profissão dos votos, que se materializa em uma família de mulheres (GROSSI, 1990; CUBAS, 2007). Os próximos depoimentos retratam esta questão porém enfatizam a flexibilização do dote e exigência do enxoval para pertencer à CONFHIC:

Se a pessoa tivesse condição trazia, não exigia quantidade, exigia o enxoval. Enxoval eu trouxe todo: roupa de cama, toalha, camisola, roupa íntima. Agora a importância em dinheiro não foi exigida. (Irmã Nenúfar)

Para vir para o convento tive que trazer o enxoval. Eram três jogos de cama, cobertor, três jogos de toalha de banho e rosto, camisolas, robes, soutiens, calcinhas, dois conjuntos de saia e blusa do tecido indicado pelas Irmãs. Lembro-me que a saia verde era um tecido tipo gabardine, pois era para ser usado durante os trabalhos, a outra saia era azul de tecido sedoso com uma blusa de bolinhas para ir pra Missa (Irmã Girassol)

Foi observado no discurso de uma das informantes que a família era muito pobre, não tendo condição para o dote e nem para o enxoval. No entanto, a jovem estava tão determinada em entrar na Congregação que conseguiu o enxoval:

Não tinha dinheiro! Mamãe dizia: se for por dinheiro você não vai!! Mas, a Madre do colégio Sagrado Coração de Maria assumiu tudo: a roupa, as coisas todas que a gente precisava. Quem tinha trazia, quem não tinha aceitava sem o dote. (Irmã Lótus)

Para outra informante, o dote foi interpretado como possibilidade de prestígio, de melhor tratamento, porém, não foi encontrado na literatura autores que abordassem este ponto de vista assim como o valor pago. “Era quem tinha trazia. Então era aí a disputa da gente. Quem tinha dote o povo pensava que ia ser mais bem tratada que às vezes a gente via, às vezes [...]” (Irmã Begônia)

A obscuridade quanto ao valor pago revelou-se como uma problemática no estudo de Grossi (1990). Ao entrevistar aspirantes, de origem camponesa, percebeu-se a não espontaneidade em falar sobre o dote. Era como se proferir a palavra dinheiro menosprezasse a sua vocação. Vale ressaltar que as irmãs participantes do atual estudo ingressaram na vida religiosa entre os anos de 1944 a 1998 e não tiveram restrição em falar sobre esta temática. Apenas não sabiam explicitar valores porque eram provenientes de famílias humildes.

### **4.3.3 Família Religiosa enquanto família**

Quanto à impressão das Irmãs Franciscanas sobre a família religiosa, foi encontrada a aceitação da constituição deste novo núcleo sob a consciência de laços afetivos que se sobressaem aos da família de origem e sobre a percepção do novo núcleo religioso ser uma complementação à sua família biológica. De acordo com Cubas (2007), a profissão perpétua na Congregação resultava em uma série de escolhas e compromissos, cuja ideia central de família era alterada e passava a ser composta por novas irmãs.

A Família Religiosa ou Comunidade Religiosa pode ser compreendida como uma família de mulheres construídas com base no afeto e na obediência. Estas características embasam a vida conventual (GROSSI, 1990). Colombero (2003) a conceitua como:

Um grupo de pessoas que se reconhecem numa comunidade divina chamada e numa singular atração por Deus, pessoas que compartilham a mesma fé e a

mesma entrega de vida, que encontraram e amam o mesmo Mestre, e se reúnem para conhecê-lo, imitá-lo e servi-lo melhor. (COLOMBERO, 2003, p. 13)

Para a CONFHIC, a comunidade religiosa é uma comunhão de pessoas consagradas que professam e buscam cumprir a vontade de Deus. Congregadas pela mesma vocação e unidas pela vontade comum de seguir o chamamento de Deus, as Irmãs formam uma Família Religiosa, enriquecida pela diversidade de dons e funções (CONFHIC, 2010, Constituições, Art. 99, ¶ 2 e ¶ 3, p. 70)

As ligações pessoais, essencialmente as de responsabilidade recíproca, em que cada ser é insubstituível, prevalecem na associação como comunidade que mais se aproxima daquela que constitui a associação família. Essa forma de associação pode referir-se às comunidades que brotam pelos sentimentos religiosos, de amizade ou outros (PERETTI; NOGOSEKE, 2009). Foi relatado por uma irmã este sentimento de pertencimento familiar à congregação:

Porque a gente vive o mesmo ideal, embora tenha algumas que fogem disso aí, mas acho que quem foge, não recebeu o que eu recebi [...]. Às vezes os laços são tão fortes que parece mais forte do que a da família. Tem Irmã que a gente sente muito irmãs mesmo, afinidade grande. (Irmã Lótus)

A família enquanto realidade simbólica proporciona uma gama de experiências das quais o indivíduo extrai elementos de identificação como ser humano. A partir desse momento, quaisquer ações ou processos naturais que ele sofra (nascer, amar, trabalhar, adoecer, envelhecer, morrer), encontrará um significado mais adequado no contexto das relações familiares (PETRINI, 2009). Para Petrini (2009), estar em família significa viver as relações familiares, pois proporciona o crescimento da identidade social de cada indivíduo. Trata-se de uma rede de solidariedade e valorização dos vínculos de pertencimento.

Desse modo, pode-se compreender que a vida no convento, representada no caso por uma irmandade, também pode ser caracterizada por colaboração, reciprocidade e acolhimento, dentro da especificidade própria de uma família religiosa. As Irmãs Franciscanas Hospitaleiras perpetuam o contato entre si e com sua família de origem. Observa-se em uma das falas a manutenção desta relação: “A família religiosa é uma complementação da minha família.” (Irmã Girassol)

Martínez de Soria (2016) afirma que a família apresenta funções diversas tais como o cuidado, a socialização e a educação. Estas condições são fundamentais para o desenvolvimento humano e familiar da sociedade. Neste contexto, para outra

informante, a família religiosa é percebida como uma segunda família sendo enfatizada a questão do cuidado de umas com as outras como ponto determinante para sentir-se pertencente a este núcleo secundário:

Considero minha segunda família. Porque a gente fica dia e noite aqui, né! Tudo que a gente precisa é a família religiosa que dá, a comunidade que a gente está, a superiora, se não tem condição vem pedir socorro aqui à provincial. Então, eu sinto como minha família. (Irmã Nenúfar)

Assim, a família forma uma rede de solidariedade podendo oferecer cuidados aos seus membros diante de alguma incapacidade temporária ou permanente, quando o atendimento específico público ou privado torna-se inacessível. A família passa, então, a ter um significado de proteção, onde as relações familiares e os vínculos de pertencimento valorizados ajudam a enfrentar situações adversas (PETRINI, 2009).

Outro ponto a ser considerado foi o relato de uma informante que ressaltou a importância dos estudos proporcionados dentro da instituição e enalteceu os sentimentos de gratidão e realização diante das experiências que lhe foram dadas.

É sim. Oxente, é aqui que eu vivo. Aqui que elas me deram muito e cada dia agradeço. Estudo, tanta coisa que eles me deram. Fiz um curso de um ano de espiritualidade Franciscana em Petrópolis. Fui a Portugal, fui na Itália, muita coisa boa. E os estudos de freira, de religião, de profundidade, isso tudo é minha maior riqueza. Eu gosto quando a madre me manda trabalho pra gente fazer, me renova, isso é renascer todo dia. (Irmã Begônia)

Dentro da vida comunitária, a educação dos sentimentos adquirida ao longo dos anos fazia-se necessária e era alcançada através de retiros e estudos de autoconhecimento. Esta educação objetivava a consciência do outro através de si mesmo (CUBAS, 2007). Na CONFHIC, as Irmãs dão continuidade à sua formação humana, espiritual, apostólica, teológica, pastoral, congregacional e profissional colocando todo o cuidado em favorecer a integração harmoniosa de todas estas dimensões. As Irmãs necessitam de formação adequada para desempenharem a missão de animar a Fraternidade com disponibilidade, dedicação e amor [...] (CONFHIC, 2010, Constituições, Art. 97, ¶ 2, ¶ 4, p. 68-69).

A pesquisa apresentou como vantagens a viabilidade de acesso ao campo de estudo, a convivência prévia da pesquisadora principal com as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras e a relação de confiança estabelecida ao longo deste tempo. Contudo,

a escassez de estudos que se aprofundaram no relacionamento da família de origem foi a principal limitação deste estudo.

#### **4.3.4. Desejo de ser freira: uma proposta de análise**

O “Desejo de ser freira” da Irmã Girassol será aqui analisado na perspectiva de Hundeide (2005). Esta autora estabeleceu um método de análise de trajetórias de vida tomando como centro a existência de pontos cruciais de decisões de onde derivam o sentido dos possíveis caminhos de vida e de seus desdobramentos. Nestes pontos, pode-se analisar a percepção do entrevistado de sua situação de oportunidade, isto é, as alternativas plausíveis e possíveis para ele, donde emergem novos posicionamentos e a aquisição de capacidades para dar início ao seu plano de ação. Aplicaremos tal método à narrativa de Irmã Girassol.

A Irmã Girassol convivia habitualmente com seus pais e irmãos, mas necessitou ir morar na cidade, juntamente com à sua irmã caçula, para continuar os estudos. Elas foram para um internato e lá a informante se afeiçãoou com a proprietária que passou a ser sua madrinha. Nesta época, na escola primária Irmã Girassol ouviu na aula de Estudos Sociais o relato da História da invasão do Convento da Lapa e ficou maravilhada:

[...] e eu fiquei encantada com a história da invasão do convento da lapa que a freira dizia para traz bandidos, aqui é a casa de Deus. Só penetrarás nela se passar por cima do meu cadáver. Enquanto isto ela estava salvando as outras irmãs da comunidade. Ela morreu e as outras se salvaram. Isso me tocou profundamente [...] No começo era só isso aí, depois não conhecia freira a não ser do papel, só conhecia no livro de história. (Irmã Girassol)

Esse fato histórico despertou nela o desejo de ser freira e a estimulou a realizar um processo de maturação das novidades que ela ouvia e vivia. No período da quinta/ sexta série, por volta dos 10-11 anos, ela estava estudando num colégio estadual em Itabuna dirigido por freiras. Foi neste momento que ela conheceu as Irmãs e manteve contato com uma Madre, mas ela foi orientada para aguardar um pouco mais, ainda não era tempo para estar no convento e ela foi aconselhada a fazer o curso pedagógico. Os estudos continuaram até a formação em pedagogia.

Com o passar dos anos, já professora, Irmã Girassol foi realizar um trabalho com os carcerários em Itabuna. Eles viviam numa situação de vulnerabilidade, em condições precárias de higiene. Num dia de entrega das quentinhas, um dos presos não compareceu por não ter roupa para sair da cela. Um outro preso tirou a sua roupa e a cedeu para que o colega de prisão pudesse pegar o seu almoço. Este gesto a emocionou muito, pois, mesmo numa situação de precariedade, o amor ao próximo estava vivo e se revelava impactante diante dos olhos observadores de Irmã Girassol. A partir deste momento, a jovem confirmou ainda mais a sua decisão em ir para o convento tendo concretizado seu desejo aos 29 anos.

No entanto, até alcançar a concretização do desejo de ser freira, houve insatisfação e objeção por parte da família de origem como também pela família de convivência representada pelos padrinhos. O genitor não aceitava. Ele desejava que a filha assumisse o pequeno comércio da família. O discurso seguinte revela a insatisfação do pai até o momento em que a jovem recebeu o hábito:

Papai ficou sem permitir que nem meu nome fosse pronunciado dentro de casa. Só depois que eu professei [...] foi que aí parece que nem tinha acontecido nada. Ele recebeu com maior carinho e daí em diante a relação foi boa. (Irmã Girassol)

A madrinha e o padrinho, proprietários do internato, também não concordaram com a decisão. Os padrinhos não tinham filhos e eram desejosos que ela casasse e tivesse muitos filhos para eles criarem. O saldo positivo do desejo de ser freira foi a aceitação materna: “Com a mamãe foi maravilhoso!!!! Mamãe dizia que quantas filhas ela tivesse, que quisesse vir ser de Deus, era assim que ela humanizava a expressão.” (Irmã Girassol)

Para Hundeide (2005), o indivíduo tem um ponto de escolha numa situação de oportunidade sendo pertinente fazer o mapeamento dos caminhos de vida. Estes, por sua vez, podem estar disponíveis ou não, como podem também serem congruentes ou incongruentes com a perspectiva da pessoa. Outro dado de destaque está na necessidade de compreender a experiência da pessoa em questão. Para melhor entendimento da narrativa da informante-chave, três pontos foram destacados: chamado de Deus, ruptura temporária com a família e processo de formação.

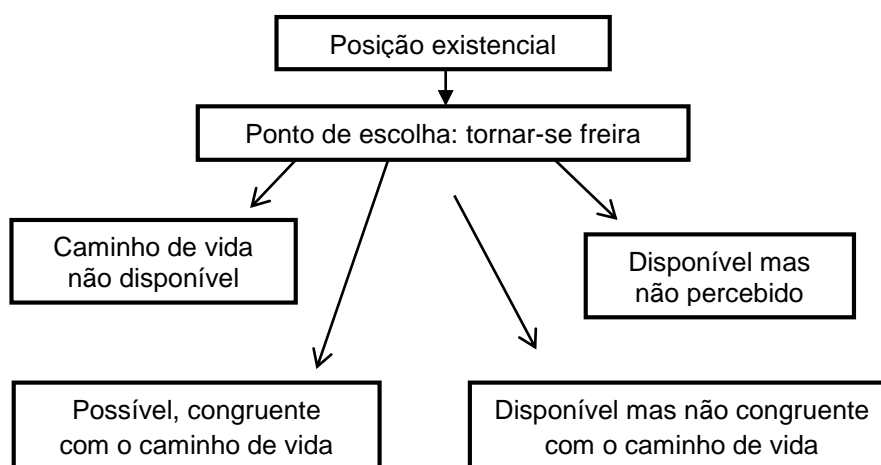
- Chamado de Deus: a jovem desejosa de ser freira foi trilhando seu caminho ao longo de sua vida mesmo sem a aprovação do pai e dos padrinhos. A

passagem de tempo serviu para fortalecer o seu ideal. Hundeide (2005) afirma que é necessário [...] planejar a vida e um novo sentimento de responsabilidade individual para dominar a própria vida (p.245).

- Ruptura temporária com a família: a jovem em questão vivenciou esta ruptura e o vínculo com o genitor só foi restabelecido a partir da tomada do hábito. Para esta autora, duas possibilidades são possíveis: deve-se adotar o estilo de vida religioso tradicional de acordo com recomendação dos pais ou então, romper com a rede familiar tradicional e adotar um NOVO<sup>7</sup> estilo de vida [...] (HUNDEIDE, 2005, p. 245).
- Processo de formação: para se tornar freira, a jovem precisa passar por um período de preparação representado pelas fases do postulante, noviciado e votos perpétuos. Antes de assumir os votos perpétuos há a possibilidade de desistência caso seja constatado pela jovem que se tornar freira não é o caminho certo. O período de preparação corresponde às habilidades descobertas e vividas no seio da Família Religiosa. Este processo de atividades emergentes propiciaram um acesso ao novo estilo de vida e um retorno ao seio da Família de origem com mais segurança de si. São habilidades que qualificam a futura freira para trilhar um caminho de vida consagrado a Deus, a Igreja e a sociedade.

A seguir estão representados esquematicamente o ponto de escolha e os possíveis caminhos. Na sequência, os desdobramentos dos caminhos de vida.

**Fluxograma 1 - Ponto de escolha e os possíveis caminhos de vida.**



<sup>7</sup> Nesta passagem, foi introduzida a palavra “NOVO” em substituição a estilo de vida urbano moderno por se tratar de freira.

## DESDOBRAMENTO DOS CAMINHOS DE VIDA

**Caminho de vida não disponível:** Pensar em ser freira, porém, caminho bloqueado pela família;

**Disponível mas não percebido:** Querer ser freira entrando precocemente no convento- idade a impedia; poderia, talvez, ter entrado em outro convento.

**Disponível mas não congruente com o caminho de vida:** Assumir o pequeno comércio da família; casar e ter filhos;

**Possível, congruente com o caminho de vida:** Aceitação do caminho de vida escolhido- chamado de Deus; confirmação do desejo de ser freira- votos perpétuos;

Figura 4 - Família da Irmã Girassol.



Fonte: Arquivo da informante

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado procurou compreender como um grupo de freiras das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras percebe a sua relação com a família de origem desde o momento da decisão em querer ser freira assim como nas diferentes fases da vida conventual. Outro foco de análise correspondeu à percepção da família religiosa enquanto família. Para um aprofundamento desta relação foi imprescindível conhecer sobre o chamado para a vida religiosa, a vida conventual e a questão do dote. Esta tríade evidenciou a complexidade do processo para ser freira. Ressalta-se que o motivo de escolha mais presente foi o chamado enquanto vocação, e que para a maior parte das informantes representou uma visão divina que aconteceu durante a adolescência.

Já em relação ao dote é importante salientar que a existência não se dava apenas como financiamento das despesas a que se destina, mas também como um simbolismo que remete ao matrimônio com Jesus. Foi constatado durante a pesquisa a flexibilização do valor a ser dado até a inexistência dele, devido às condições financeiras deficitárias dos pais naquele momento e pela falta de conhecimento por parte das freiras, o que prejudicou um maior aprofundamento sobre esta variável.

A evidência da aceitação da família religiosa enquanto família é justificada por sentimentos diversos que englobam compartilhamento dos mesmos ideais, a responsabilidade recíproca e a realização de desejos individuais em servir o próximo. A partir da associação dos seus membros pelos sentimentos de gratidão, de amizade, de sentimento religioso e de responsabilidade, criou-se uma base estruturada de ligações pessoais denominada de Família Religiosa.

No que tange à relação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras com a família de origem, esta sofreu profundas mudanças a partir do momento em que decidiram entrar para vida religiosa por causar tristeza e decepção em seus pais e irmãos em virtude do rompimento do vínculo familiar, assim como pela perda da filha nos afazeres domésticos e no auxílio para criação dos irmãos quando da ausência da mãe ou pelo grande número de irmãos. Entretanto, foi observado que as famílias reelaboraram esta perda quando a filha assumia o hábito sendo gerado um status social para os familiares.

No entanto, apesar de existir uma gama de literatura voltada para vida consagrada feminina, há uma lacuna no conhecimento científico sobre a família religiosa enquanto família e principalmente sobre a família de origem. Desta forma, faz-se necessário o desenvolvimento de novas pesquisas com um olhar mais apurado para esta temática.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. Dotes de Freiras no Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Braga. **Núcleos de Estudos Históricos**. Universidade do Minho. Braga, 2005.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. **De noviças a freiras: As religiosas do Convento Franciscano de Vale de Pereiras (1730-1830)**. Actas III Congresso Internacional sobre El Franciscanismo En La Peninsula Iberica. Asociacion Hispánica de Estudios Franciscanos. Córdoba, Enero 2012; p.183-191.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. **A Medicina Baiana nas Brumas do Passado / Arquivos / Séculos XIX- XX /Aspectos Inéditos**. Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins / Arquivos /Britto ACN. 1ª edição. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 229p., 2002.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano- compaixão pela terra**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1999.

COLOMBERO, Giuseppe. **Vida Religiosa: da convivência à Fraternidade**. São Paulo: Paulus, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Código de Direito Canônico**. 18ª Edição. São Paulo: Edições Loyola. Dezembro, 2008.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO (CONFHIC). **Constituições**. Coimbra, 2010. Depósito Legal nº322947/11.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO (CONFHIC). **Diretório Geral**. Coimbra, 2013. Depósito Legal nº 368063/13.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO (CONFHIC). **Memórias das Raízes: Suave perfume de gratidão e louvor**. Salvador/Ba, Brasil. 2011.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO (CONFHIC). Disponível em [http://www.confhic.org.br/a\\_provincia/vinde\\_vede.php](http://www.confhic.org.br/a_provincia/vinde_vede.php) Acesso em 10 Jun. 2016.

CUBAS, Caroline Jaques O corpo habituado. Sentidos e sensibilidades na formação das irmãs da Imaculada Conceição. 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90817>; Acesso em 06 Março 2016.

\_\_\_\_\_. Articulações entre o campo religioso e o trabalho profissional com a saúde na congregação das irmãs da imaculada conceição (1960-1990). **Revista Brasileira de História das Religiões ANPUH**, Ano III, maio. 2010; n. 7.

\_\_\_\_\_. Fé e transformações: Memórias de Religiosas Católicas no Brasil (1960-1990). **Escritas**. 2014. v. 6, n 2, p. 25-40

DONATI, Pierpaolo. **Família no Século XXI- abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas, 2008.

MENEZES, Jesus Jairo de. Relevância do amor nas relações familiares. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (Org.). **Relações Familiares**. Curitiba, 2016.

FERNANDES, Silva Regina Alves. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. **Revista Sociedade e Estado**. Rio de Janeiro, Setembro/Dezembro 2011; v.26, n.3, p. 663-683.

\_\_\_\_\_. Vida religiosa feminina: novas interpretações frente à modernidade contemporânea. João Pessoa, 2000. n.1, disponível em [www.cchla.ufpb.br/caos/numero1/01fernandes.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero1/01fernandes.pdf) acessado em 12 Dez. 2016

FERREIRA, Adínia Santana. Sob o poder disciplinar: vigilância, controle e normalização das condutas no Convento da Soledade. **Revista Projeção e Docência**, março 2011; v.2, n.1, p 03-07.

FREITAS, Ir Maria Isilda. **Caderno para a renovação da CONFHIC: Formação da IFHIC. 1º Encontro Internacional de Formadoras**. Portugal, 1997; p. 1-125.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 13-49.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Sobre a articulação entre cuidado de si e cuidado dos outros no último Foucault: um recuo histórico à Antiguidade. **Ensaios filosóficos**, Rio de Janeiro, 2011; v. 3, p. 105-120.

GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de Freira: Estudo Antropológico sobre Vocação Religiosa Feminina. **Cad. Pesquisa**. São Paulo, maio 1990; n.73, p. 48-91.

\_\_\_\_\_. Conventos e Celibatos Femininos entre camponeses do Sul do Brasil. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, 1995; v.1, n.1, p. 47-60.

HUNDEIDE, Karsten. Socio-cultural Tracks of Development, Opportunity Situations and Access Skills. Culture & Psychology Copyright © SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi) [www.sagepublications.com](http://www.sagepublications.com). **Rev. Cultura e Psicologia**, 2005. v.11, n.2, p. 241-261.

LEONARDI, Paula. **Além dos Espelhos: Memórias, Imagens e trabalhos de duas Congregações Católicas**. São Paulo: Paulinas, 2010.

LOURENÇO Roberto A.; VERAS Renato P. Mini-exame do estado mental: características psicométricas em idosos ambulatoriais. **Rev. Saúde Pública**. 2006; v.40, n. 4, p. 712-9.

MAFFI, Franciele Roveda. De Leiga a Religiosa. XII Encontro Estadual de História. Universidade Federal do Rio Grande- RS. Julho 2012. Disponível em [www.eeh2012.anpuh-.org.br/.../1346333493\\_ARQUIVO\\_DELEIGAARELIGIOSA..](http://www.eeh2012.anpuh-.org.br/.../1346333493_ARQUIVO_DELEIGAARELIGIOSA..)

MARTÍNEZ DE SORIA, Aurora Bernal. La identidad de la familia: un reto educativo. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso Perspectiva Educacional. Formación de Profesores Enero 2016; v.55, n.1, p. 114-128.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 29<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2010.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de Pesquisa** In O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11<sup>o</sup>edição. São Paulo: Hucitec, 2008; p. 261-297.

NUNES, Maria José Fontelas Rosado. **Prática político-religiosa das congregações femininas no Brasil- uma abordagem histórico-social** In AZZI, Riolando, BEOZZO, José Oscar. (Org.). Os religiosos no Brasil: enfoques Históricos. São Paulo: Paulinas, 1986. p.188-217

OLIVEIRA, Amanda Dias de. Um Convento no Rio de Janeiro Colonial. **Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-** Rio de Janeiro: Saberes e práticas científicas, 2014; p.1-15.

PERETTI Clélia; NOGOSEKE Elisabete. **Vínculos afetivos e relações familiares sob o prisma da empatia** In SANCHES, M. A. (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009>.

PETRINI, Giancarlo. Significado social da família. **Caderno de Arquitetura e Urbanismo**, 2009; v. 16, n. 18+19, p. 111-122.

PETRINI, João Carlos; DIAS, Marcelo Couto. **Família no debate cultural e político contemporâneo**. 2<sup>o</sup> edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PIRES, Joyce Aparecida. As freiras e suas trajetórias: Vida religiosa e processo histórico. Unesp- Faculdade de Filosofia e Ciência, Marília. FAPESP. **Sessão de Comunicações Científicas**, 2015.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva; INÁCIO FILHO, Geraldo. As Congregações Católicas e a disseminação de escolas femininas no triângulo mineiro e alto Parnaíba. **Histedbr**, dez 2006; n. 24, p. 79-92.

SEIDI, Ernesto. Sociologia da vocação religiosa: reprodução familiar e reprodução da Igreja. **Sociologias**, 2012; v.14, n.29, pp.214-238.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Punida e insubmissa: Escândalo no Convento da Lapa em Salvador. **CLIO- Rev de Pesquisa Histórica**, 2007; v. 25, n.1, p. 11-30.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: IMAGENS DO CONVENTO (ACERVO DA INSTITUIÇÃO)



Recepção



Sala de visitas



Espaço de convívio Irmã Violeta



Sala de reunião



Capela interna



Capela Sagrada Família



Ala Monte Alverne



Velódromo



Ala Santa Clara



Acesso aos dormitórios: Ala Nossa Senhora de Lourdes



Refeitórios



Refeitório das Irmãs



Refeitório dos colaboradores



Cozinha

Imagens área externa:



Jardim



Pomar

## APÊNDICE B: DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA



Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição  
Provincia de Santa Cruz  
Alto do Bonfim, 01 – Bairro: Bonfim – 40 415-465 – Salvador – BA  
Fone: (71)3316-8800 – Fax (71) 3316-8811  
Site: www.confhic.org.br  
CNPJ: 15 233 646 / 0001 – 96

## DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

A Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição- CONFHIC, está de acordo com a execução do projeto **O OLHAR DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS SOBRE A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM E A FAMÍLIA RELIGIOSA EM SALVADOR-BA**, coordenado pela pesquisadora Elaine Pedreira Rabinovich, desenvolvido em conjunto com a discente Elaine Cristina Cartaxo Villas Bôas do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, e assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa nesta Instituição durante a realização da mesma.

Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Salvador, 05 de Setembro de 2016

*Irmã Cacilda Luzia de Santana*  
Irmã Cacilda Luzia de Santana  
Superiora Provincial  
CNPJ: 15 233 646 / 0001 – 96

CONFHIC-Provincia de Santa Cruz  
SUPERIORA PROVINCIAL

## APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Senhora está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa intitulada, **O OLHAR DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS SOBRE SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM E A FAMÍLIA RELIGIOSA EM SALVADOR-BA** desenvolvida pelas pesquisadoras Elaine Cristina Cartaxo Villas Bôas, discente do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador e por Elaine Pedreira Rabinovich, Psicóloga e docente do referido programa. Esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer a relação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras sobre a família de origem e a família religiosa. Os objetivos específicos compreendem:

- ✓ Analisar como se processou a sua relação com sua família de origem a partir da decisão em tornar-se religiosa.
- ✓ Identificar as mudanças ocorridas na relação com a família de origem após tornarem-se freiras.
- ✓ Investigar a existência de conflitos internos durante imersão na vida religiosa.
- ✓ Compreender como a família religiosa tem influenciado a relação com a família de origem.

Sua participação consiste em ser entrevistada e responder a um questionário semiestruturado em relação ao tema. Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, a Irmã poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo. (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- As informações fornecidas serão utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato e confidencialidade dos dados. Da mesma forma, as suas imagens e de seus familiares, que por ventura venham a ser utilizadas, de forma ilustrativa na apresentação oral e escrita, apresentar-se-ão com tarjas na face para que vocês não sejam identificados.
- As informações obtidas serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo;
- A sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa decorrente de tal participação, haverá ressarcimento por parte dos pesquisadores;
- Se a senhora aceitar participar, estará contribuindo para o enriquecimento cultural e social sobre a temática além de difundir o conhecimento no meio acadêmico sobre as peculiaridades de sua relação com a família de origem e com a família religiosa.
- Por reviverem momentos de lembranças, amargas ou felizes, a Irmã pode apresentar labilidade emocional representando possível risco ou desconforto

que será minimizado mediante encaminhamento para acompanhamento psicológico na própria Congregação. Esta pesquisa não acarretará ônus à instituição cedente

- A Senhora receberá uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido. Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação entrar em com os responsáveis pela pesquisa pelo endereço/ telefone: Elaine Pedreira Rabinovich (E-mail: [elainepedreira@hotmail.com](mailto:elainepedreira@hotmail.com)); Elaine Cristina Cartaxo Villas Bôas, (Telefone:(71)991228736; E-mail: [elainecartaxo@hotmail.com](mailto:elainecartaxo@hotmail.com)); Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador- CEP/UCSAL. Avenida Cardeal da Silva, nº205. Federação-Salvador/Ba- CEP: 40231-902; Tel.: (71) 32038013. E-mail: cep@ucsal.br

Eu, \_\_\_\_\_

aceito voluntariamente participar da pesquisa estando ciente que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data:

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante:

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE D: MINI EXAME DO ESTADO MENTAL (LOURENÇO; VERAS, 2006)

## Identificação do cliente

Data de nascimento/idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade: Analfabeto ( ) 0 a 3 anos ( ) 4 a 8 anos ( ) Mais de 8 anos ( )  
 Avaliação em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Avaliador: \_\_\_\_\_.

## Orientação Temporal:

Qual é o dia da semana? \_\_\_\_\_ Dia do mês? \_\_\_\_\_  
 Mês? \_\_\_\_\_ Ano? \_\_\_\_\_ Hora aproximada? \_\_\_\_\_

## Orientação Espacial:

Local? \_\_\_\_\_ Instituição (casa, rua)? \_\_\_\_\_  
 Bairro? \_\_\_\_\_ Cidade? \_\_\_\_\_  
 Estado? \_\_\_\_\_

Registros: Mencione 3 palavras levando 1 segundo para cada uma. Peça ao paciente para repetir as 3 palavras que você mencionou. Estabeleça um ponto para cada resposta correta. Vaso, carro, tijolo \_\_\_\_\_

Atenção e cálculo Sete seriado ( $100-7=93-7=86-7=79-7=72-7=65$ ). Estabeleça um ponto para cada resposta correta. Interrompa a cada cinco respostas. Ou soletrar a palavra MUNDO de trás para frente. \_\_\_\_\_

Lembranças (memória de evocação) Pergunte o nome das 3 palavras aprendidas na questão 2. Estabeleça um ponto para cada resposta correta. \_\_\_\_\_

Linguagem. Aponte para um lápis e um relógio. Faça o paciente dizer o nome desses objetos conforme você os aponta. \_\_\_\_\_

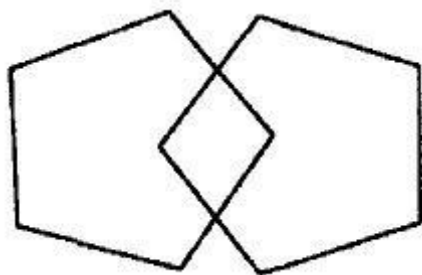
Faça o paciente repetir "nem aqui, nem ali, nem lá". \_\_\_\_\_

Faça o paciente seguir o comando de 3 estágios. "Pegue o papel com a mão direita. Dobre o papel ao meio. Coloque o papel na mesa". \_\_\_\_\_

Faça o paciente ler e obedecer ao seguinte: FECHER OS OLHOS. \_\_\_\_\_

Faça o paciente escrever uma frase de sua própria autoria (A frase deve conter um sujeito e um objeto e fazer sentido). \_\_\_\_\_

Copie o desenho abaixo. Estabeleça um ponto se todos os lados e ângulos forem preservados e se os lados da interseção formarem um quadrilátero.  
 \_\_\_\_\_



TOTAL DE PONTOS OBTIDOS \_\_\_\_\_

Pontos de corte

- 26 a 30 pontos - normal, sem déficit cognitivo para idosos alfabetizados;
- 24/25 pontos - sensibilidade a déficit cognitivo em idosos alfabetizados;
- 18/19 pontos- sensibilidade a déficit cognitivo para idosos analfabetos.

## APÊNDICE E: QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO

Identificação:

Data Nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão (Formação): \_\_\_\_\_

Ano de entrada na vida religiosa: \_\_\_\_\_ Ano dos votos simples \_\_\_\_\_ Ano dos votos perpétuos \_\_\_\_\_

### Conhecendo a família de origem:

1. Número de membros da família de origem? \_\_\_\_\_  
(Irmãos\_\_\_ Irmãs\_\_\_ Irmãos adotivos\_\_\_)
1. Quantos estão vivos? \_\_\_\_\_
2. Se não tem irmãos vivos, os sobrinhos se fazem presente? \_\_\_\_\_
3. Contato com família:
  - a) No início da entrada no convento: ( ) Sim ( ) Não
  - b) Após tornar-se freira: ( ) Sim ( ) Não
  - c) Após os votos perpétuos: ( ) Sim ( ) Não
  - d) Atualmente: ( ) Sim ( ) Não
4. Forma de contato (em cada período da questão acima) :
  - Presencial ( )
  - Telefonemas e cartas ( )
  - E-mail ( )
  - Whatzap ( )
5. Qual a frequência de contato com familiares? \_\_\_\_\_

### Relação com a família de origem:

1. Como era sua relação com a família de origem antes da decisão em ir para o convento?
2. O que mudou na sua relação com a família de origem quando resolveu/ decidiu entrar para família religiosa?
3. O que mudou na sua vida após falecimento dos seus pais- sentimentos?
4. Como ficou o relacionamento com seus irmãos após perda dos pais?
5. Como transcorreu a relação com a família de origem após os votos perpétuos?

**Entrada na família religiosa:**

1. Que motivos a conduziram à vida religiosa?
2. Como foi determinado o dote para entrada na vida conventual?
3. A senhora considera a família religiosa como sua família? Justifique.
4. Durante a imersão na família religiosa como têm acontecido os contatos com a família?
5. Quando é possível ausentar-se da Congregação para estar com os familiares?

## APÊNDICE F: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_,  
(nacionalidade), \_\_\_\_\_(estado civil), portador de RG  
nº \_\_\_\_\_, CPF nº \_\_\_\_\_, residente à  
rua \_\_\_\_\_,  
nº \_\_\_\_\_(Cidade)-\_\_\_\_\_(Estado).

Autorizo o uso de minha imagem, com meus familiares, registradas em visita à CONFHIC, como forma ilustrativa da apresentação oral e escrita da dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador intitulada "**O OLHAR DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS SOBRE A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM E A FAMÍLIA RELIGIOSA EM SALVADOR-BA.**" A presente autorização é concedida a título gratuito. Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em duas (02) vias de igual teor e forma.

---

Salvador, \_\_\_\_\_ de Dezembro de 2016